



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

António Manuel Gomes Carvalho

**A importância do documentário na aula  
de História e da reportagem na aula de  
Geografia no ensino básico e secundário**

outubro de 2013



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

António Manuel Gomes Carvalho

## **A importância do documentário na aula de História e da reportagem na aula de Geografia no ensino básico e secundário**

Relatório Estágio  
Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo  
do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho realizado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria do Céu Melo Esteves Pereira**

outubro de 2013

## DECLARAÇÃO

Nome: António Manuel Gomes Carvalho

Título do Relatório:

A importância do documentário na aula de História e da reportagem na aula de Geografia no ensino básico e secundário

Um estudo com alunos do 9º Ano de Escolaridade do Ensino Básico

Supervisora:

Professora Doutora Maria do Céu Melo Esteves Pereira

Designação do Mestrado:

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 31/10/2013

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Agradecimentos

Para muitas pessoas, o capítulo dos agradecimentos será o mais fácil, para mim não o é, porque involuntariamente acabo sempre por esquecer alguém que ao longo deste trajeto me tenha ajudado de alguma forma.

Quero deixar o meu agradecimento à Professora Doutora Maria do Céu Melo, por toda a orientação que me deu ao longo da escrita deste projeto e pela forma como há, precisamente, três anos atrás me recebeu e me orientou na entrada deste mestrado, e porque foi, ao longo de todo este tempo, uma verdadeira orientadora em todos os sentidos da palavra.

Aproveito também para deixar um agradecimento muito especial aos meus pais, pelo apoio, pelas palavras, pela força, pela presença e pelo tempo que sempre me dedicaram. Relegaram muitas vezes outros compromissos para segundo plano para me ajudar, não só agora, mas ao longo da vida. Este facto permitiu-me ganhar força suficiente para, mesmo nos momentos mais difíceis, conseguir levar este trabalho até ao fim. Muito mais haveria a agradecer aos meus pais, apesar de poder deixar esse agradecimento escrito, prefiro repeti-lhes e retribuir-lhes diariamente esse agradecimento eterno.

Tenho também de deixar um agradecimento muito especial à minha namorada, Catarina, que esteve comigo ao longo destes anos, inclusive no meu núcleo de estágio. Vivemos lado a lado alegrias e tristezas, e que mesmo nos momentos mais difíceis nunca deixou de me apoiar. Sem ela tudo teria sido bem mais difícil. Por tudo aquilo que passámos, foi com ela que aprendi um novo significado da palavra força. Haveria muito mais a dizer-lhe e agradecer-lhe mas isso, só ao longo dos dias que partilhámos e partilharemos será possível.

Por fim, quero agradecer ao Renato por toda a amizade e companheirismo que sempre me demonstrou ao longo dos anos e deixou bem vincado nos momentos mais delicados.

## Resumo

O presente relatório insere-se no âmbito do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e Secundário. O estudo foi realizado em duas turmas distintas do 9.º ano de escolaridade, numa escola do núcleo urbano da cidade de Braga. Este estudo teve como principal objetivo saber se o documentário e a reportagem televisivos são artefactos válidos na construção do conhecimento histórico e geográfico. Nele foi discutida a aprendizagem de temáticas específicas, respetivamente, a agricultura biológica na aula de Geografia, e a 2ª Guerra Mundial na aula de História.

Foi também abordada a relevância e a validade do uso de artefactos mediáticos no quotidiano escolar, alertando-se para a necessidade de os selecionar e explorar de uma forma crítica e ativa, tendo presente as suas intenções políticas e educacionais. Discutiu-se, assim, o seu uso como fonte e recurso didático como alternativa e ou complemento aos discursos do manual escolar e do professor.

Os dados foram recolhidos através de fichas de trabalho cujo objetivo foi fazer a confrontação das ideias prévias, recolhidas oralmente em diálogo com os alunos, com o conhecimento histórico e geográfico aprendido através dos recursos mediáticos referidos. A análise das respostas foi feita através do uso de perfis que tinham por objetivo diferenciar as respostas dos alunos mediante a sua complexidade, tendo sido expressa em tabelas que ilustram a frequência com que as mesmas ocorriam em cada uma das perguntas das respetivas fichas.

O objetivo desta análise de dados era compreender qual o impacto que a reportagem ou o documentário, conforme a disciplina, teria na construção do conhecimento dos alunos e qual a sua evolução.

**Palavras-chave:** Documentário; Reportagem; História; Geografia; Ideias prévias; Alunos

## Abstract

This report falls under the Professional Stage of the Master in Teaching History and Geography in third Cycle of Basic and Secondary Education. The study was conducted in two distinct groups of ninth grade school in the urban core of the city of Braga. This study aimed to know if the documentary and reportage television are valid artefacts in the construction of historical and geographical knowledge. In it was discussed learning specific subjects, respectively, organic farming in Geography class, and the Second World War in history class.

It was also discussed the relevance and validity of the use of media artefacts in everyday school, alerting to the need for exploring and selecting a in critical and active way, referring to its political and educational intentions. It was argued, therefore, its use as a source and a teaching resource or as an alternative and complement to the speeches of the textbook and the teacher.

Data were collected through worksheets aimed to make the comparison of previous ideas, taken orally in dialogue with the students, with historical and geographical knowledge learned through the media outlets reported. The analysis of the responses was done through the use of profiles that were intended to differentiate the responses of the students by its complexity, has been expressed in tables that illustrate the frequency with which they occurred in each of the questions of the respective chips.

The purpose of this data analysis was to understand what impact the report or documentary, as the discipline, would have in the construction of knowledge of the students and what their evolution.

**Key words:** Documentary; Television report, History, Geography, Prior ideas, Students

## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I – O documentário e a reportagem televisiva na sala de aula de História e Geografia</b>	<b>4</b>
1.1. O papel dos audiovisuais na construção do conhecimento em contexto de sala de aula	4
1.2. O uso do documentário televisivo na aula de História	8
1.3 O uso da reportagem televisiva na aula de Geografia	10
<b>Capítulo II – Metodologia de investigação</b>	<b>12</b>
2.1 Objetivos, Questões da investigação	14
2.2. Caracterização do contexto escolar	15
2.3. Estudo na aula de História	16
2.3.1 Caracterização da turma	16
2.3.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise	18
2.4. Estudo na aula de Geografia	22
2.4.1 Caracterização da turma	22
2.4.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise	24
<b>Capítulo III – Análise de dados</b>	<b>26</b>
Introdução	26
3.1 Estudo 1: Os documentários televisivos na aula de História	26
3.1.1 Análise às ideias prévias dos alunos	26
3.1.2 Análise da ficha FTH1	28
3.2 Estudo 2: A reportagem televisiva na aula de Geografia	34
3.2.1 Análise às ideias prévias dos alunos	34
3.2.2 Análise da ficha FTG1	35
<b>Conclusão</b>	<b>41</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>44</b>
<b>Anexos</b>	<b>46</b>

## ÍNDICE DE QUADROS e TABELAS

---

### Capítulo II – Metodologia de investigação

---

#### 2.3. O estudo na aula de História

Gráfico 1 – Expectativas dos alunos face à escola. 17

Gráfico 2 – Habilitações académicas dos encarregados de educação 17

Gráfico 3: Transporte utilizado na deslocação até à escola 18

#### 2.4 Estudo na aula de Geografia

Gráfico 4 – Taxa de sucesso escolar a cada disciplina. 22

Gráfico 5: Freguesia de residência dos alunos 23

Gráfico 6: Habilitações dos encarregados de educação 23

---

### Capítulo III - Análise dos dados

---

#### 3.1 O documentário televisivo na aula de História

Quadro 1: Perfis conceptuais - História 28

Tabela 1: Ficha de trabalho 1/P1 (N-25) 29

Tabela 2: Ficha de trabalho 1/P 2 (N-25) 29

Tabela 3: Ficha de trabalho 1/P 3 (N-25) 30

Tabela 4: Ficha de trabalho 1/P4 (N-25) 31

Tabela 5: Ficha de trabalho 1/P4.1. (N-25) 31

Tabela 6: Ficha de trabalho 1/P5. (N-25) 32

Tabela 7: Ficha de trabalho 1/P6. (N-25) 33

#### 3.2 A reportagem televisiva na aula de Geografia

Tabela 8: Ficha de trabalho 1/P1. (N-17) 35

Tabela 9: Ficha de trabalho 1/P2. (N-17) 36

Tabela 10: Ficha de trabalho 1/P3. (N-17) 37

Tabela 11: Ficha de trabalho 1/P4. (N-17) 37

Tabela 12: Ficha de trabalho 1/P5. (N-17) 39

---



## Introdução

O presente projeto insere-se no âmbito do Estágio Profissional do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, e tem por objetivo procurar através do documentário televisivo no caso da História, e da reportagem televisiva na Geografia, incentivar um melhor processo de ensino-aprendizagem.

A escolha deste tema resulta da procura de resposta a algumas questões:

*O que pode um professor fazer para melhorar o processo de ensino e aprendizagem?*

*Será que os materiais de que hoje dispomos não estarão subaproveitados?*

No contexto específico deste relatório - o processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História e de Geografia - não posso deixar de notar que existe todo um manancial de informação vindo da área da multimédia, sendo que, no meu caso particular debruçar-me-ei sobre os artefactos televisivos já referidos.

Partimos do pressuposto de que, quando aprendemos algo que nos dá prazer, a sua aprendizagem é mais fácil, daí a defesa do papel fundamental que os meios audiovisuais podem desempenhar. O facto de poder aliar o carácter lúdico, como um documentário, um filme ou uma reportagem à aprendizagem, não deixa de ser algo que pode ser muito produtivo quando aplicado em sala de aula. Os audiovisuais podem dar toda uma nova dimensão às aulas, contribuindo para uma perceção mais real dos temas em estudo. Podem contribuir também para a elaboração de aulas mais dinâmicas e atrativas, que proporcionem um maior interesse dos alunos sobre o conteúdo a lecionar, facto que é de extrema importância no processo de ensino e aprendizagem.

Procuro com este trabalho desmistificar uma certa ideia latente em muitos quadrantes do nosso ensino, de que o uso de meios audiovisuais serve, apenas, para colmatar algo, que se resume ao entretenimento ou que não obriga os alunos a pensar. Não deixa de ser verdade que as ferramentas multimédia têm uma percentagem de materiais ou informação que não é relevante, sendo muitas vezes até negativa. Contudo, quando bem seleccionados, os filmes são

uma ferramenta poderosíssima para a compreensão de temáticas, pois têm um enorme potencial de persuasão e atração que integra, orienta e estimula as capacidades dos alunos.

A crescente produção e proliferação de um cada vez maior número de materiais audiovisuais fez com que a escolha destes tenha que ser cada vez mais criteriosa, visto que a facilidade de criação deste tipo de materiais, potenciada pelas novas tecnologias, acabou por levar a que a qualidade geral deste tipo de produtos tenha diminuído. É preciso, portanto, ser criterioso na escolha dos mesmos. Se o fizermos, o prazer e o significado veiculados poderão ficar assegurados.

Ao longo de algumas aulas que presenciei, um dos problemas que mais me chamou a atenção foi aquilo a que se chama o absentismo presencial. O simples marcar presença, por parte do aluno, é algo que me incomoda, que não deve acontecer, pois a aula acaba por se tornar mais difícil e pouco proveitosa tanto para o professor, como para o aluno. Para além disto, os alunos que estão “apenas a marcar presença” estando com a cabeça noutro lugar, acabam muitas vezes por ser um fator de distração também para os restantes colegas. E neste aspeto os meios audiovisuais podem ter um grande contributo a dar, tal como refere Aguiar, Luana (s.d: 1): “A estratégia de utilização do filme faz o aluno descobrir novos cenários e ambientes e serve como estímulo à leitura de obras literárias que utilizam contextos e cenários afins.” Para as gerações atuais, a televisão tornou-se, muitas vezes, a maior companhia que têm durante largos períodos do dia, o que pode criar uma relação cada vez mais próxima com este tipo de meios. Partindo assim desta constatação, um professor pode e deve tirar partido desta “relação de proximidade”. Segundo Branco (2002: 227),

*“O certo é que hoje a televisão, como fenómeno social global, se tornou no bem mais partilhado do mundo, refletindo a força da civilização da imagem e da informação e da socialização na época das tecnologias, cujo peso não podia deixar de fazer sentir-se no ensino.”*

Posto isto, e de acordo com o que já referi, nestas duas disciplinas, devido ao facto de termos acesso a várias formas e linguagens de comunicação, se os utilizarmos de forma bem selecionada, podemos fazer a diferença e tornar a aula mais interativa e conceptualmente útil com todos os alunos, e não apenas com alguns. É fundamental referir que nenhum documentário ou reportagem televisivas podem ser vistos como uma espécie de “forma” que assenta em qualquer realidade e em qualquer matéria, as escolhas têm de ser criteriosas, bem pensadas e trabalhadas para as diferentes realidades escolares.

Com este projeto, onde foram desenvolvidos dois estudos, procuro responder à seguinte questão:

*- O filme e a reportagem são artefactos mediáticos válidos na construção do conhecimento histórico e geográfico?*

O 1º capítulo '*O documentário e a reportagem televisiva na sala de aula de História e Geografia*' apresenta um enquadramento teórico acerca da importância da reportagem e do documentário na sala de aula. Procura, também, descrever a importância que tem a conciliação deste tipo de materiais didáticos, bem como deste tipo de abordagem aos alunos em conciliação com todas as outras formas, sejam elas mais tradicionais ou mais vanguardistas.

No 2º capítulo, que aborda a *metodologia da investigação*, procura-se descrever quais são os objetivos deste relatório, descrever a escola e caracterizar a turma de Geografia e a turma de História onde foram desenvolvidos os estudos.

O 3º capítulo é dedicado à análise dos dados recolhidos através das fichas de trabalho, de modo a obter respostas sobre a eficiência dos recursos usados e das estratégias adotadas.

Por último, na *conclusão* far-se-á uma reflexão sobre os resultados obtidos que respondem às nossas perguntas de investigação, assim como sobre as dificuldades detetadas na implementação dos estudos.

## Capítulo I

### O documentário e a reportagem televisiva na sala de aula de História e Geografia

*“Não há nada de inédito na utilização dos meios visuais (testemunham-no a existência de pinturas, desenhos, frescos murais que encontramos desde a pré-história). O que é recente, em contrapartida é o conhecimento da eficácia que os meios visuais e audiovisuais podem atingir.” (Botham, 1979: 1).*

#### 1. 1 O papel dos audiovisuais na construção do conhecimento em contexto de sala de aula.

Desde sempre, quando ainda não havia uma linguagem e uma oralidade bem definidas, o Homem foi inventando formas de comunicação, no caso através dos desenhos. Este recurso à imagem transcende dificuldades com idiomas ou mesmo tempos históricos, pois é fácil de ser compreendido.

É incontornável que a atualidade escolar se encontra dominada pelos meios audiovisuais. Não deixa de ser importante lembrar que neste campo o nosso país conheceu uma evolução muito recente. O problema desta mesma evolução é que foi feita sobretudo ao nível material, enquanto ao nível humano não se conseguiu um acompanhamento dessa evolução, o que fez com que nem sempre a utilização destes meios fosse a mais correta. Segundo Abrantes (1992: 53) “A escola em relação ao vídeo parece ainda adormecida. Ainda não se apercebeu que tem ao seu alcance um instrumento que, sem ser mágico, pode fazer magias. Porque não explorar de imediato uma via que vai ser inevitavelmente explorada, com intensidade, nos próximos anos?”

A escolha deste tema surge precisamente da minha vontade em procurar saber como podemos tirar maior proveito dos materiais que temos ao nosso dispor, já que agora eles existem em cada vez maior quantidade e qualidade, e quando bem aproveitados, que tipo de efeitos podem produzir nos alunos. Ainda segundo Abrantes (1992: 28):

*“A escola precisa de refletir sobre por onde começar. A escola pode começar pela mesma ponta do fio da meada que utiliza para a escrita. Precisa de começar por ensinar, por ajudar a aprender a ler os media e os audiovisuais. Precisa de pensar que o império da escrita (que apropriou) só é manejado pelos alunos porque, em Portugal, se passam os primeiros quatro anos de escolaridade a aprender a ler os códigos sedimentados ao longo de séculos, milénios.”*

Segundo Botham (1979:1): “A experiência própria é a melhor das aprendizagens. Embora os meios audiovisuais não sejam mais do que um sucedâneo dessa experiência direta, não deixam de apelar para as duas vias mais importantes da aprendizagem: a audição e a vista”. É precisamente por este facto que a experiência audiovisual se apresenta como uma verdadeira alternativa credível aos métodos de ensino tradicional, pois o facto de se permitir aos alunos que vivenciem, ainda que virtualmente, determinadas experiências que muitas vezes tornam a aprendizagem mais intuitiva, facilita de sobremaneira a perceção e por conseguinte a própria aprendizagem.

Nas sociedades ocidentais, devido à crescente proliferação e evolução dos meios tecnológicos, as mensagens que recebemos através de audiovisuais estão por todo lado. As mensagens que são transmitidas através dos diversos meios, por norma, procuram transmitir uma informação, seja através de um filme, de um documentário, ou outro. Para nos sentirmos cidadãos plenamente integrados numa sociedade, é importante que saibamos interpretar essas mesmas mensagens, sob pena de ficarmos manietados ao nível da nossa capacidade de intervenção como cidadãos ativos. Tal como refere Abrantes (1995: 20) “É que, em certo sentido, nos audiovisuais e nos media, a nobreza ou a decadência, a qualidade ou a sua ausência, o educativo ou o deseducativo também são «fabricados» pelo consumidor. Ou seja, por si, pelos alunos, pelas pessoas que orienta na formação”.

A apetência dos alunos para este tipo de tecnologias é cada vez maior, pois os jovens de hoje crescem rodeados de tecnologias e lidam com elas de uma forma natural. Para além disso, veem-nas como algo lúdico, algo fácil de perceber, animado e diferente. Posto isto, temos à partida uma excelente forma de aguçar a curiosidade e de transmitir mensagens que de outra forma não seriam tão aliciantes.

Por vezes, surge a desconfiança em alguns professores de que este tipo de tecnologias lhes possa “roubar” algum protagonismo, mas não há ideia mais errada, pois nunca será possível substituir um professor devido a todas as vicissitudes que abarca o desempenho desta profissão. Segundo refere Abrantes (1992:18), “Importa denunciar o excessivo pendor que, em geral, e também na escola, faz alinhar os utilizadores a favor ou contra as máquinas,

esquecendo o lado humano da sua utilização.” Convém lembrar que a utilização dos meios audiovisuais em ambiente de sala de aula ,depende acima de tudo do professor, da forma como as trabalha. Tal como enuncia Abrantes (1995: 39) “O uso dos *Mídia* e dos audiovisuais na escola (ou na formação) é obviamente diferente do seu uso quotidiano nos lares, na intimidade, ou mesmo noutras práticas sociais. Na escola tudo tem um cunho pedagógico, ou seja nenhuma atividade, nenhum projeto, vale por si mesmo.” É importante que quem faz uso dos meios audiovisuais esteja ciente desta problemática pois, infelizmente, o uso indiscriminado deste tipo de práticas acaba por passar uma ideia errada. Durante muito tempo, assistimos ao uso dos materiais audiovisuais acima de tudo de uma forma lúdica, muitas vezes até como forma de resolução de um problema inesperado, como se o vídeo fosse uma espécie de tapa-buracos. A verdade é que pode sê-lo, mas se isto for feito com frequência, irá criar no aluno a ideia de associar o uso, por exemplo do vídeo, a algo lúdico que não pode ser usado para aprender.

O facto de os meios audiovisuais estarem cada vez mais presentes em contexto de sala de aula, fez com que se esperassem soluções imediatas para problemas que são conhecidos de há vários anos sobre o processo de ensino-aprendizagem. É verdade que o vídeo pode ajudar o professor, atraindo os alunos, mas não modifica por si só a relação que ele tem com os seus alunos. Muitas vezes, o vídeo pode aproximar o modo como a mensagem é transmitida para os alunos para um modo mais quotidiano, mais urbano e mais enquadrado com os estilos de mensagens que os alunos atualmente recebem no exterior. De certa forma, os audiovisuais em geral acabam, se bem que de uma forma empírica, por estar ligados à televisão e por conseguinte a uma certa ideia de lazer/entretenimento. É, pois, fundamental, que a imagem que se tem do uso destes meios em sala de aula mude. É importante que essa mesma mudança aconteça porque, ainda hoje, é comum um estilo de aula expositivo em que o aluno procura absorver aquilo que lhe é dito. Tal como refere Abrantes (1995:35): “Esta concepção dá ao professor o papel central na comunicação educativa e gira, grosso modo, à volta de uma concepção da verdade revelada em que o aluno funciona como um recipiente.” Os audiovisuais podem desempenhar um papel decisivo porque ao serem um novo emissor, podem também desencadear novas formas de compreensão da mesma mensagem. Desta forma, o aluno pode passar a ser um construtor do seu conhecimento, já que é desafiado para uma leitura e uma interpretação mais independente, fugindo às ideias que são transmitidas de forma expositiva e com um cunho mais pessoal por parte do professor o que, por vezes, acaba por retirar alguma liberdade interpretativa ao aluno.

Não deixa de ser importante frisar que, mesmo recorrendo ao uso de meios audiovisuais em sala de aula, correm-se alguns riscos, como por exemplo os da passividade, do desinteresse, ou a reação negativa. Estas situações são sempre possíveis de vir a acontecer se o professor fizer um uso abusivo e sistemático das mesmas, caindo na rotina e na monotonia.

É, então, importante referir que o uso destes novos meios de veiculação do conhecimento deve ser sempre visto como um complemento, como um quebrar da rotina e um criar de novas formas de transmissão do conhecimento. Devido ao facto de os meios audiovisuais e tecnológicos, do ponto de vista psicológico, se basearem sempre em dois fatores de primordial importância para a aquisição de conhecimentos - o sentido visual e o sentido auditivo - temos à partida maiores possibilidades de criar aulas mais apelativas. Estas, desta forma, prenderão com maior facilidade a atenção de todos os alunos, mesmo os mais distraídos ou com maiores dificuldades de compreensão. Os audiovisuais, devido à multiplicidade de cenários que criam, e à aproximação dos próprios casos em estudo, levam a uma certa relação de proximidade com o aluno.

Tal como refere Pereira (2003: 22): “Os media tornaram-se os meios de difusão do conhecimento científico, adoptando uma crescente autonomia similar à das outras instituições difusoras e legitimadoras...”. É precisamente por este aspeto que é importante procurar saber de que forma os *Media*, na sala de aula, podem ajudar os alunos na transmissão do conhecimento. Não podemos negar que os jovens de hoje, que têm mais acesso às novas tecnologias e consequentemente aos media, acabam por trazer um maior conhecimento tácito do que aqueles que não têm esse acesso. A informação transmitida através dos audiovisuais é cada vez mais apelativa para os adolescentes, agora, no meio de toda esta evolução que temos vindo a sentir ao nível tecnológico, é importante que se saiba aproveitar essa apetência dos jovens e adolescentes para reterem a informação que recebem através destes meios. Segundo Pereira (2003:22):

*“A legitimidade social dos Media baseia-se não só na sua natureza industrial, mas também em argumentos sociais, como a educação, a denúncia de situações, a defesa de certos valores sociais “universais” e entretenimento. Assim trabalhando com múltiplos discursos temporais e conteúdos, os Media tornaram-se a fonte pública da realidade, através de um acesso directo ou quase simultâneo aos acontecimentos...”*

## 1.2 O uso do documentário televisivo na aula de História

Uma das maiores dificuldades no ensino da História é conseguir levar ao imaginário dos alunos cenários ou acontecimentos que remontem há vários anos ou séculos atrás. Este facto sucede com maior frequência quando os alunos são mais novos.

Se olharmos para o nosso país e pedirmos a um aluno que esteja, em 2013, no 9.º ano de escolaridade para tentar imaginar como seria o dia-a-dia dos portugueses antes da revolução de Abril de 1974, como seria o aspeto e as infraestruturas da sua cidade, como seriam os transportes, como seriam os cuidados de saúde nessa época, como seria a alimentação, entre muitos outros aspetos, esse mesmo aluno irá ter algumas dificuldades em imaginá-lo. Se depois deste exercício dermos ao aluno um manual escolar ou um livro que aborde essa época, com certeza que a sua perceção melhorará, mas, mesmo assim, atendendo à altura em que nasceu, ao seu dia-a-dia e à forma como o país se transformou, continuará a ter algumas dificuldades em construir uma imagem mental correta ou tão-só aproximada. Se por outro lado, dermos a oportunidade ao aluno de ver um documentário que retrate, de forma fiel, a época, que faça uso de vídeos gravados na altura, que faça uso de testemunhos de pessoas que viveram essa mesma época, o seu manancial de informação será com certeza muito maior e dará a possibilidade ao aluno de construir uma imagem mais fidedigna daquilo que se passou efetivamente. Segundo Candeias (2003:12)

*“Na sua definição mais pura, o documentário consistirá no registo da realidade que se desenrola em espaços naturais, por oposição à artificialidade do estúdio, tomando como personagens os intervenientes reais e como base da acção representada à sua própria vida (contendo as relações com os outros, com o mundo e com as circunstâncias que os rodeiam), mostrados sem artifícios.”*

É precisamente o facto de se poder levar o registo da realidade que pretendemos à sala de aula que torna o documentário numa ferramenta ideal para conseguir captar a atenção dos alunos para os assuntos que pretendamos abordar.

Lembro-me que, em casa, sem nenhum professor o ter transmitido numa aula ou mesmo ter recomendado vi, ainda na transmissão efetuada pela RTP 1, o documentário do Professor Doutor António Barreto, intitulado Portugal um Retrato Social. Este documentário permitiu-me ter uma visão muito mais completa acerca da evolução do nosso país, desde a revolução de Abril. O facto de ao longo do documentário serem reproduzidos vídeos que



representavam a época e ao mesmo tempo serem feitos constantes paralelismos com o nosso país atualmente, permitiu-me ter uma noção mais completa do caminho que, como nação, percorremos até aqui. Segundo refere Candeias (2003:12) "... o documentário procurará como fim em si mesmo, dar um testemunho de uma certa realidade, mostrando-a com a máxima fidelidade e verosimilhança".

O facto de muitas das vezes num documentário termos um novo narrador, uma nova forma de abordar determinados conteúdos que estão a ser lecionados, cria por si só algo de novo, acabando por despertar a curiosidade do aluno. O facto de o documentário primar pela exposição da 'realidade', sem grandes efeitos visuais (ou mesmo inexistentes) ajuda a uma percepção mais real de determinados assuntos. Tal como enuncia Candeias (2003:12) "... a utilização de uma fotografia sóbria sem qualquer trucagem, e a opção pelo som directo sem manipulação posterior (preferindo o valor expressivo e testemunhal dos sons ambientes), minimizando os trechos musicais de acompanhamento".

Por vezes, mostrar determinada realidade ou determinada vivência, ou mesmo provocar uma aproximação dessa mesma vivência, acaba por ser a melhor maneira de alguém compreender um certo tema. Segundo aborda Candeias (2003: 13, "Documentário, será portanto uma interpretação criativa da realidade, .... Propondo uma *viagem* a lugares onde se encontram pessoas e factos reais, que embora desconhecidos pelo espectador ou nos antípodas da sua vivência quotidiana, com ele podem estabelecer referências através de valores universais e comuns a todos os povos."

O facto de o documentário permitir uma certa viagem pelo tempo, uma certa ligação, quase que directa aos factos, não quer dizer que aquilo que nos é mostrado tenha apenas uma leitura. Apesar da perspetiva privilegiada sobre determinados acontecimentos, não nos devemos nunca esquecer que qualquer filme, documentário ou mesmo reportagem, é fruto de um trabalho prévio que encerra muitas das vezes várias escolhas e perspetivas. Posto isto, é sempre importante olhar para o documentário como algo que é um auxiliar, mais um meio para nos ajudar a colmatar ou a desvendar certas curiosidades que de outra forma talvez não conseguíssemos entender, e acima de tudo deve ser sempre observado com um espírito crítico.

### 1.3 O uso da reportagem televisiva na aula de Geografia

Segundo refere Candeias (2003:16) “É frequente confundirem-se os conceitos de Documentário e de Reportagem, visto serem programas audiovisuais que têm por objetivo o tratamento comum da realidade.” Não deixa de ser verdade, tal como refere o autor que, por vezes, é difícil distinguir documentário de uma reportagem, mas ainda segundo Candeias (2003:16). “Além do vínculo à actualidade, a reportagem deve ser igualmente caracterizada por seguir princípios de isenção informativa, no sentido de dar voz a todas as partes envolvidas e evitar assumir as conclusões que competem à opinião pública.”

Esta característica da reportagem acaba por se assumir como uma grande vantagem sempre que desta se quiser fazer uso em sala de aula. O facto de se dar voz às pessoas que são intervenientes nos processos que se pretendem explicar acaba por ser uma vantagem considerável. Uma das maiores diferenças entre a reportagem e o documentário está precisamente naquilo a que Candeias (2003) chama de conclusões. Na reportagem, o jornalista tem de evitar a todo o custo tomar qualquer partido, pois cabe sempre ao público saber tirar as ilações sobre determinados assuntos, sem que essas sejam de alguma forma influenciadas pelo tipo de reportagem que o jornalista faz. No documentário, muitas vezes, quem o realiza, ao escolher determinadas músicas, efeitos ou qualquer outro tipo de artefactos, pode muitas vezes estar a emitir uma opinião ou a tomar uma posição sobre determinado assunto.

No caso do tema disciplinar - Agricultura biológica -, a escolha pelo uso da reportagem foi bastante proveitoso. Em alunos de uma escola do centro da cidade de Braga, que em diversos casos têm o contacto muito reduzido ou mesmo nulo com a vida do campo, dar voz aos intervenientes desta atividade acaba por ser uma mais-valia assinalável. O facto de poderem ouvir o testemunho, quase como que em primeira mão, das pessoas que trabalham nessa área é uma das melhores formas de poderem compreender algumas das vicissitudes de trabalhar com a agricultura biológica. Esta mais-valia da reportagem surge, precisamente, porque tal como refere Candeias (2003:16) “O tratamento informativo procurar responder a 6 perguntas básicas (o quê, quem, quando, como, onde e porquê), sendo o facto noticioso desenvolvido com amplitude variável, incorporando aos dados factuais, a opinião de especialistas, o relato de protagonistas e de testemunhas.” As perguntas básicas a que a reportagem que usei procura

responder acabam por ir de encontro àquilo que é necessário para os alunos entenderem determinada problemática, ou pelo menos, ajuda-os a ter uma melhor compreensão.

Ainda relativamente às reportagens, e segundo Candeias (2003:16) “Os assuntos são narrados do ponto de vista dos protagonistas ou de testemunhas (através de entrevistas, declarações, etc.) ou do ponto de vista do repórter como intermediário da informação (através do relato para a câmara e a narração off) ”. Esta curiosidade que o autor foca, o facto de os assuntos ou acontecimentos serem narrados na primeira pessoa, acaba muitas vezes por dar um cunho pessoal, ou fazer da pessoa que é entrevistada um verdadeiro orador para múltiplas plateias. Tal como refere Candeias (2003:17) “No essencial da sua estrutura narrativa, a reportagem expõe antecedentes e consequências dos factos, testemunhos directos e opiniões de especialistas, procurando representar o contexto, o acontecimento e a valorização dos seus efeitos.” Assim sendo, a reportagem, ao permitir a intervenção ou a narração dos intervenientes na primeira pessoa, acaba por ser, muitas vezes, o instrumento ideal para fazer chegar aos alunos os problemas e as ideias principais da temática em estudo.

Um dos problemas mais focados atualmente relativamente à reportagem está precisamente no problema da falta de isenção ou objetividade. Este argumento deve-se à crescente comercialização das estações de televisão, às cada vez mais acesas disputas de audiências, situação que pode levar a alguns dos problemas sentidos atualmente. Candeias (2003:17) alerta: “Pese embora o pressuposto de objectividade, este género tem vindo a ser cada vez mais criticado pela frequente falta de isenção no tratamento das notícias e por ceder à primazia da informação-espectáculo”.

Este é um dos problemas que qualquer pessoa que queira fazer uso de uma reportagem como meio de divulgação do conhecimento tem de ter em atenção. O facto de, muitas das vezes, se fugir à isenção da informação, de procurar causar sensação e de, não raras vezes, o jornalista procurar ter um papel de cada vez maior relevo faz com que haja um desvirtuamento cada vez maior daquilo que uma reportagem deve ser. Assim, a escolha dos materiais audiovisuais a serem usados numa sala de aula tem de ter critérios referentes à qualidade daquilo que vai ser utilizado.

## Capítulo II – Metodologia de investigação

Antes de mais é importante lembrar que método deriva do Latim “*Methodus*” cujo significado é caminho ou via para a realização de algo. O caminho que escolhi teve como finalidade compreender o uso do documentário em História e da reportagem em Geografia. E de referir que com o uso deste tipo de materiais procuro, acima de tudo, encontrar, tal como acima referi, uma forma diferente para a divulgação do conhecimento, não querendo afirmar a desvalorização do livro e do professor. Tal como refere Abrantes (1992:95): “O trabalho tradicional também pode socorrer-se, com vantagem, dos *Media* e dos audiovisuais. Explicar bem um assunto é importante e pode encontrar ajuda nos recursos mediáticos.” Devido às características das disciplinas de História e de Geografia, há uma maior propensão e facilidade no uso destas ferramentas, que quando bem usadas se podem considerar didáticas.

O recurso que fiz a estes formatos televisivos não foi exclusivo da minha aula de implementação do projeto, já que em todas as aulas que lecionei, fiz quase sempre uso de materiais audiovisuais por mais breves que fossem. Na disciplina de Geografia, a reportagem acabou por ser uma ferramenta à qual recorri mais frequentemente, pois em temas da atualidade, como os problemas da poluição -o SMOG-, entre outros, os excertos de reportagens foram uma excelente forma de tornar determinados temas mais concretos, de transportar os alunos, por breves instantes, a situações reais. O facto de dar uma imagem, de dar cor, de dar vida, ou mesmo de lhes dar um exemplo, revestiu-se de uma importância crucial, pois no manual estes temas eram abordados através de narrativas mais ou menos extensas e eram poucas as imagens que os alunos tinham como exemplo.

Todos sabemos que na adolescência, os exemplos mais reais acabam por atrair a sua atenção, em contrapartida à audição de uma explicação em que o professor fica limitado às narrativas do livro ou a discursos demasiado formais, acabam por desvalorizar aquilo que lhes é dito. Por outro lado, se soubermos ilustrar, exemplificar e divulgar os fenómenos ou acontecimentos de uma forma mais concreta, mais pessoal, acabamos por conseguir atrair a sua atenção.

Se pensarmos no facto de os alunos passarem imensas horas fechados dentro de uma sala de aula, com breves minutos de intervalo durante toda a manhã, é fácil de entender o

entusiasmo do aluno sempre que, mesmo de forma virtual, é levado para outras latitudes. Tal como refere Abrantes (1992: 78) “Na escola o vídeo será certamente útil. Um utensílio de mudança, um modo de inovar nas várias áreas disciplinares, um instrumento de renovação profunda de práticas pedagógicas, um modo de entusiasmar os professores, pais e alunos”.

Convém esclarecer que nas aulas que tive oportunidade de lecionar, procurei sempre ter o cuidado de dividir o tempo disponível para práticas de escrita, de diálogo e de reflexão. É importante que seja desmistificada a ideia de que quando aparece um vídeo, ele vai ocupar a totalidade da aula. Tal como refere Abrantes (1992: 43) “ (...) existe um efeito de compreensão crítica das imagens visuais e sonoras não provenientes de uma qualquer interpretação iluminada, mas da construção pessoal de sentido, tal como esta é feita no nosso quotidiano.”

Atualmente é cada vez mais comum falar-se na importância da construção do espírito crítico nos alunos, porém os métodos tradicionais de ensino quase nunca permitem condições para uma verdadeira liberdade à sua construção. A utilização de materiais audiovisuais na sala de aula, atualmente, acaba por ganhar uma dupla importância, pois tal como refere Pereira (2003:23): “Numa sociedade onde os *Media* e outras fontes de informação e comunicação se tornam crescentemente mais disponíveis, torna-se necessário que os alunos adquiram competência de leitura e interpretação”.

As aulas de características mais expositivas acabam por tornar qualquer aluno num absorvedor de opiniões, que tem que se guiar por um dos vários trilhos do conhecimento já criados. O vídeo e a imagem têm o dom de permitir um sem número de interpretações diferentes mediante aquilo que é visualizado. O facto de se pedir aos alunos que sejam eles a tirar as suas ilações perante aquilo que veem, é fundamental no desenvolvimento das suas capacidades cognitivas. Ao longo das minhas intervenções este foi um ponto que fui sempre procurando explorar.

## 2.1. Objetivos, Questões da investigação

Segundo Oliveira (2007: 7), “ (...) ninguém aprende verdadeiramente se não tiver vontade para tal (...)”. Precisamente por crer nesta assunção, procurei com o documentário na História e com a reportagem na Geografia, conceber e implementar uma aula oficina para cada uma delas.

No caso da disciplina de História, o tema que escolhi foi o da II Guerra Mundial, sendo que, para abordar o seu desfecho em conjunto com os alunos, utilizei o episódio número 6 do documentário “Apocalipse da II Guerra Mundial”, designado o ‘Fim do Pesadelo’. Com este documentário pretendi que os alunos conseguissem ter uma visão mais abrangente acerca deste conflito. Procurei, também, que os alunos entendessem a verdadeira globalização do conflito e a forma como este se deu noutros continentes, para que, desta forma, não ficassem com uma visão tão europeísta desse acontecimento. Para além disto, tive também por objetivo que os alunos conseguissem entender o desfecho da II Guerra Mundial e quais os principais motivos que levaram à derrota nazi.

Relativamente à disciplina de Geografia, o tema que escolhi foi o da ‘Agricultura biológica’. Para abordar este tema, escolhi um excerto de um programa da RTP2, intitulado “Biosfera”. Esta reportagem mostra a forma como a agricultura biológica é implementada, quais as regras para a sua certificação, quais as vantagens em relação à agricultura moderna, entre muitos outros aspetos.

A vantagem de fazer uso de uma reportagem está principalmente ligada aos benefícios genéricos da utilização dos meios audiovisuais. A reportagem apresenta vantagens únicas inerentes às suas características, tal como enuncia Candeias (2003: 16) “ (...) a Reportagem expõe antecedentes e consequências dos factos, testemunhos directos e opiniões de especialista (...)”. No caso da agricultura, estas características são cruciais para que os alunos possam entender a razão do aparecimento da agricultura biológica, para que possam ouvir o testemunho direto dos intervenientes. Estas características revestem-se de particular importância, pois, não posso deixar de salientar que a escola onde realizei o meu estágio se situava no centro da cidade de Braga. Assim, para muitos alunos algumas expressões, animais e paisagens eram desconhecidas, daí que com o uso dos meios audiovisuais os alunos podem familiarizar-se, ainda que virtualmente, com essa realidade. Este facto acabou por facilitar a

compreensão dos conteúdos e facilitou a sua perceção de uma forma mais pormenorizada e detalhada do que numa aula exclusivamente expositiva. Ao visualizarem a reportagem acerca do tema em questão, os alunos tiveram a oportunidade de ouvir os protagonistas pois tal como refere Candeias (2003: 16) acerca da reportagem, “Os assuntos são narrados do ponto de vista dos protagonistas (...)”. O facto de a reportagem ser uma abordagem direta ao assunto, de uma forma mais simplista do que num documentário, acaba por ser positivo para os alunos compreenderem de forma detalhada aquilo que se faz em cada momento pois, ainda segundo Candeias (2003: 16) “Na reportagem manifestam-se as características de ordem técnica (...)”.

Com este projeto procuro responder à seguinte questão de investigação:

*Que tipo de aprendizagens o documentário e a reportagem televisiva promovem?*

## **2.2. Caraterização do contexto escolar**

O Liceu Nacional Dona Maria II foi criado em 31 de Março de 1964, durante vários anos funcionou apenas como liceu feminino, sendo que, depois da revolução de 1974 passou a ser uma escola também para o sexo masculino. Esta escola está localizada em pleno centro urbano da cidade de Braga, na freguesia de São Lázaro.

Com a requalificação levada a cabo pela empresa ‘Parque Escolar’, surgiram novos laboratórios, uma nova biblioteca, um espaço exterior requalificado, salas de atendimento próprias para os encarregados de educação, salas de aula equipadas com as últimas tecnologias, como por exemplo, Internet, projetores, quadros interativos, computador em todas as salas, entre outros recursos.

No que respeita à oferta formativa, a escola dispõe de ensino noturno e diurno, sendo que, a maioria dos alunos inscritos pertence aos cursos científico-humanísticos. O ensino profissional secundário tem ao dispor áreas profissionais na área da saúde, artes gráficas, design, ciências informáticas e direito técnico de serviços jurídicos. No que toca ao 3º ciclo do ensino básico, estes representam 10% dos alunos inscritos.

Ao nível dos projetos desenvolvidos nesta escola, há alguns que devo destacar, como por exemplo, o da “Astrofísica experimental na área da fotometria – deteção de planetas

extrassolares, asteroides e estrelas duplas” projeto este que, em 2010, ganhou o primeiro prémio do escalão do secundário da Fundação Ilídio Pinho – Ciência na Escola. Para além do projeto anteriormente referido, existe um outro denominado Exoplanetas, que procurou unir as artes visuais às artes da física, atraindo desta forma mais alunos para a “observação dos céus”. Mais tarde, este projeto, acabou reconhecido internacionalmente com o 2º lugar nos Elearning Awards 2010 – Prémio SMART. Para além dos projetos desenvolvidos ao nível “interno” há alguns de colaboração internacional, como é exemplo o projeto NaTurE (Natural Treasures of Europe), que envolve a cooperação de escolas de outros 10 países europeus.

Como forma de fomentar os hábitos de leitura entre os alunos, a biblioteca da escola, que ocupa agora um lugar cimeiro na nova organização escolar, também tem desenvolvido uma série de projetos no âmbito do Concurso Nacional de Leitura e da Feira do Livro. Este tipo de iniciativas, conjugadas com as intervenções acima referidas por parte da empresa ‘Parque Escolar’, dotaram a biblioteca de várias novas ferramentas que permitem criar um ambiente propício à leitura e ao trabalho.

## **2.3. O estudo na aula de História**

### **2.3.1. Caraterização da turma**

A turma de História do 9.º ano é composta por 27 alunos, sendo que 16 são do sexo masculino e 11 são do sexo feminino<sup>1</sup>. À exceção de dois alunos, provenientes dos concelhos da Póvoa de Lanhoso e Amares, todos os outros são provenientes do concelho de Braga. Relativamente ao país de origem, 23 alunos são portugueses e 4 são provenientes de outros países, no caso sobretudo da União Europeia. Relativamente às TICs, todos os alunos dispõem de computador e internet em casa.

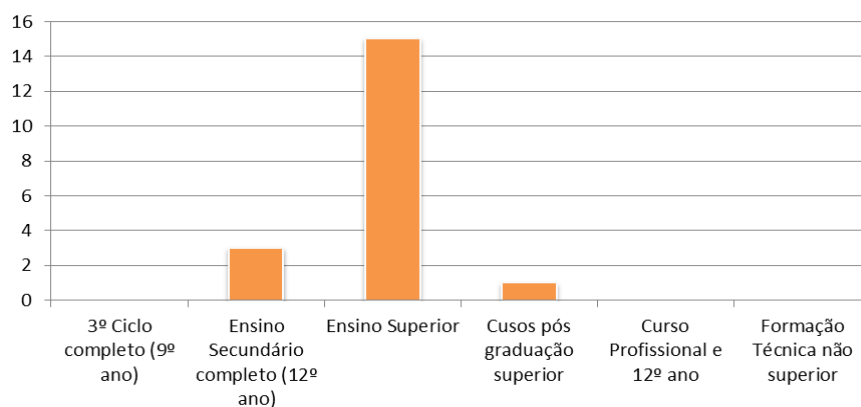
Relativamente às expectativas dos alunos face à escola, foi possível observar que a maioria pretende frequentar o ensino superior, tal como podemos observar no gráfico 1.

---

<sup>1</sup> Os dados sobre as turmas foram retirados do Plano curricular de turma

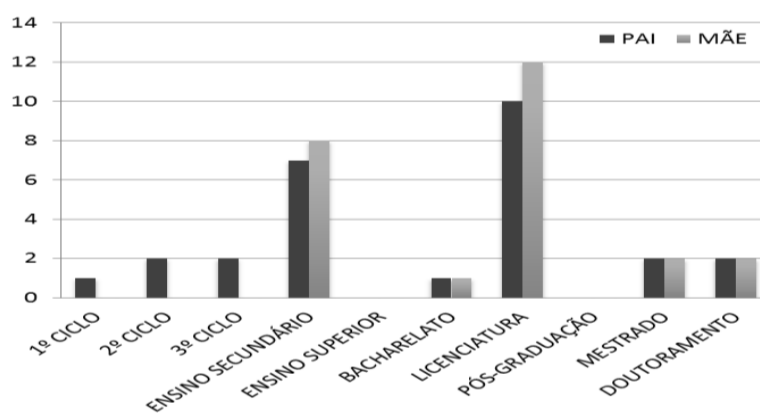


Gráfico 1 – Expectativas dos alunos face à escola.



Do contexto sociocultural, destaca-se o facto de se verificarem algumas situações de desemprego por parte de um dos cônjuges, sendo mesmo que um dos alunos tinha os dois elementos do casal em situação de desemprego. Foi ainda possível apurar que relativamente à escolaridade parental a maioria tinha habilitações superiores, ou de forma menos significativa o ensino secundário, é ainda de registar que existem dois casos em que dois elementos do casal têm o grau de Doutor. Estes dados são observáveis no gráfico 2.

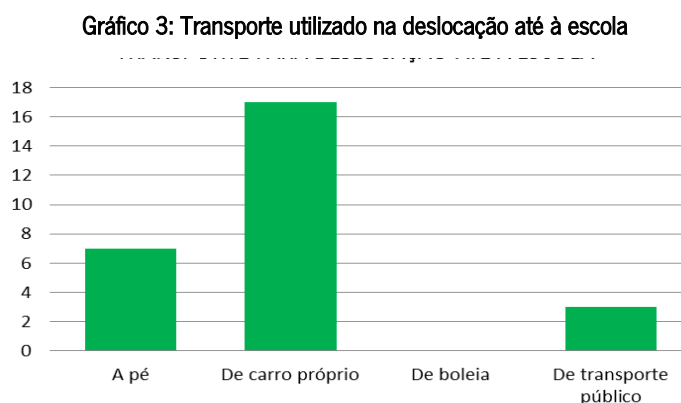
Gráfico 2 – Habilitações académicas dos encarregados de educação



Ao longo do ano escolar, foi possível observar que esta era uma turma muito empenhada, com bons resultados escolares e muito participativa. Este facto permitiu sempre desenvolver um bom trabalho ao longo das aulas, pois os alunos foram sempre cumprindo de forma empenhada aquilo que lhes era pedido. Era notório que o aproveitamento escolar nas

restantes disciplinas era bom, tanto pelas indicações deixadas pelos docentes das outras disciplinas, como no exercício de algumas tarefas na aula de História em que era necessário algum conhecimento partilhado com outras disciplinas.

Relativamente à forma como os alunos se deslocavam para a escola, através dos dados fornecidos, foi possível apurar que a maioria dos alunos se deslocava para a escola em viatura própria e uma pequena percentagem se deslocava de transporte público. Ainda relativamente a este assunto é de salientar que a maioria dos alunos demorava menos de quinze minutos na deslocação para a escola. Tal como é possível observar no gráfico 3.



Relativamente ao nível socioeconómico da turma verifica-se que este aparenta ser relativamente elevado, pois ao nível da ação social escolar, apenas um aluno se encontrava a usufruir de escalão, no caso, escalão 1 e ainda relativamente a este aspeto é de salientar que quatro pais têm como profissão médico, quatro têm como profissão engenheiro e três têm como profissão empresário.

### 2.3.2 Implementação, instrumentos e metodologia de análise

A implementação do projeto de História deu-se numa aula de 90 minutos, onde, em primeiro lugar, se encetou um diálogo com os alunos por forma a recolher as ideias prévias destes acerca da II Guerra Mundial. Neste particular, o enfoque incidiu principalmente em determinadas questões, as quais são enumeradas de seguida;

O que teria levado à mundialização do conflito? Quais as três principais áreas do globo onde este se deu? Qual a importância do desembarque na Normandia? Que momentos marcaram o início da derrota alemã? Que razão teria levado os E.U.A a lançarem a bomba atómica? E qual o

desfecho do conflito armado e de que forma contribuiu para a bipolarização do mundo?

As ideias prévias dos alunos foram registadas no quadro. Foram constantemente incentivados para que todos dessem o seu contributo para as questões que eram colocadas. A intervenção de todos os elementos da turma, bem como o diálogo entre si, permitiu aprofundar as questões.

Depois de um breve diálogo com os alunos e de terem sido recolhidas as principais ideias prévias, foi reproduzido o sexto episódio, designado *“O inferno”*, do documentário *“Apocalypse – da Segunda Guerra Mundial”*. Este documentário<sup>2</sup>, produzido em França no ano de 2009, foi transmitido pela RTP, cuja versão portuguesa era narrada por José Alberto Carvalho. Foi amplamente premiado nesse ano, recebendo uma Palma de Ouro para o melhor programa do ano, o prémio Triple Diamond DVD por ter vendido mais de 500.000 exemplares, o prémio History Makers Awards, em 2009, para melhor utilização de arquivos numa produção histórica, e ainda o Globo de Cristal de 2010 para melhor documentário.

A dimensão deste trabalho está presente no seu orçamento de 4 milhões de euros, que até aos dias de hoje foi um dos maiores de sempre para um documentário, exigindo o tratamento de mais de 600 horas de pequenas filmagens. Para oferecer uma melhor qualidade aos telespectadores, as películas tiveram de sofrer um meticuloso tratamento de edição. A complexidade da angariação de todas as imagens, sons, filmagens e documentos, que contou com a colaboração de vários profissionais de alguns canais de televisão mundialmente conhecidos, como o National Geographic e a televisão estatal japonesa NHK, embora o principal canal impulsionador tenha sido a TV5MONDE, permite avaliar a grandeza e dificuldade do trabalho efetuado. Tal como disseram os próprios autores foram quase três anos de trabalho intensivo, feito com base em imagens, filmagens e documentos da altura. Apesar de ter contado com a colaboração de várias pessoas, o trabalho deste documentário teve como autores Danielle Costelle e Isabelle Clarke. Ambos têm um percurso notável ao nível da realização de diversos documentários. Não deixa de ser curioso que, segundo os próprios autores, uma das maiores dificuldades que encontraram foi mesmo conseguir fazer a filtragem das imagens, pois apesar de pretenderem dar o maior realismo possível ao documentário, a violência em algumas das filmagens que tratavam era tal que não podiam ser partilhadas com o público. Para além destes dois autores, a realização deste documentário contou com a colaboração de um compositor japonês Kenji Kawai, que foi o responsável pela parte musical do documentário e foi o coordenador

---

<sup>2</sup> A informação sobre este documentário foi recolhida do seu Making off.

de todo o tratamento sonoro.

É de referir que o documentário tem 58 minutos e 36 segundos de duração, mas foi encurtado em alguns minutos para tornar todo o projeto exequível numa aula de 90 minutos, sem comprometer o tempo que os alunos necessitavam para a realização da ficha de trabalho.

No final do documentário foi distribuída uma ficha de trabalho (FTH) tendo sido pedido aos alunos que a preenchessem sem recurso ao manual.

Nela constavam as seguintes perguntas:

*1- Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua duração durante vários anos?*

*2- Quais os três principais locais no globo onde se desenrolou a guerra? Assinala-os no mapa.*

*3 – Por que é que o desembarque na Normandia foi tão importante?*

*4 – Que razões levaram os Estados Unidos da América a utilizarem a bomba atômica, em Hiroxima e Nagasáqui?*

*4.1. – Qual a tua posição sobre este assunto?*

*5 – Após a segunda guerra mundial, que função foi atribuída à recém-criada Organização das Nações Unidas (O.N.U.)?*

*6 – De que forma o desfecho da II Guerra Mundial contribuiu para a bipolarização do mundo, ou pelo menos para a ascensão dos E.U.A?*

As primeiras quatro perguntas colocadas na ficha passavam por poder aferir a evolução do conhecimento dos alunos ao fim da visualização do filme, e em relação às respostas que tinham sido dadas nas perguntas feitas oralmente no início da aula e registadas no quadro.

A pergunta 4.1. tinha por objetivo dar alguma liberdade de opinião aos alunos em relação ao tema da bomba atômica lançada pelos EUA. e perceber o efeito das imagens de destruição e de milhares de mortos espalhados pelas ruas daquelas cidades japonesas, nas respostas dos alunos.

Relativamente às duas últimas perguntas (5, 6) o objetivo era perceber até que ponto os alunos conseguiam compreender informação suficiente oriunda do documentário para responder. De certa forma o grau de dificuldade destas perguntas é maior, o que acaba por ser uma forma de avaliar a potencialidade do documentário enquanto fonte de informação para os alunos.

No final da aula, as fichas de trabalho foram recolhidas e devido ao pouco espaço de

tempo foi encetado um breve diálogo com os alunos por forma a compreender e a esclarecer pequenas dúvidas que tivessem ficado no decorrer da aula.

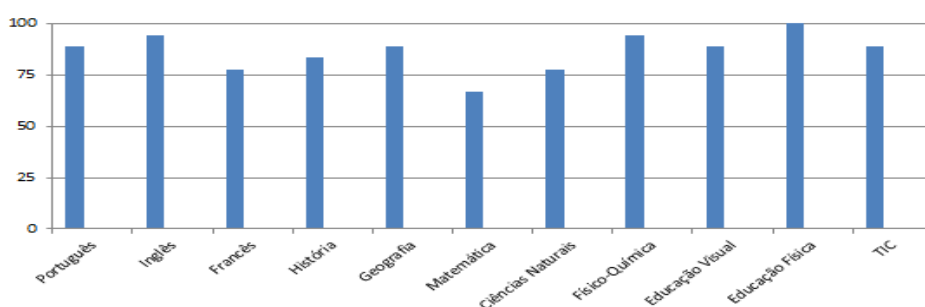
É importante referir que ao longo da planificação da minha aula, procurei seguir os princípios construtivistas, de modo a estimular a participação de todos os alunos, para assim se sentirem motivados a construir o seu próprio conhecimento.

## 2.4 Estudo na aula de Geografia

### 2.4.1 Caracterização da turma

A turma de Geografia era composta por 18 alunos, sendo que 4 eram do sexo feminino e 14 eram do sexo masculino. O facto de esta turma ter um número de alunos inferior ao habitual, deve-se ao facto de existir um aluno com Necessidades Educativas Especiais. Da turma de Geografia pode-se dizer que é uma turma com razoável aproveitamento escolar, pois, exceto na disciplina de Matemática, o aproveitamento escolar é sempre superior a 75%. Tal é visível no gráfico 4.

Gráfico 4 – Taxa de sucesso escolar a cada disciplina.

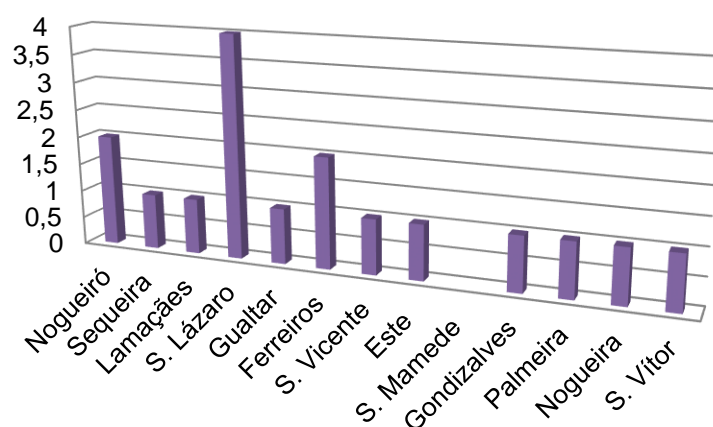


Apesar desta taxa de sucesso escolar, os níveis que a turma apresenta são na sua maioria em torno do nível 3, exceto na disciplina de Matemática em que a média é ligeiramente abaixo do nível três, e na disciplina de Educação Física que apresenta uma média ligeiramente acima do 4.

Relativamente às expectativas dos alunos em relação ao seu percurso académico, a maioria destes pretende ingressar no ensino superior, sendo que as profissões que mais procuram são as de engenheiro, médico e advogado.

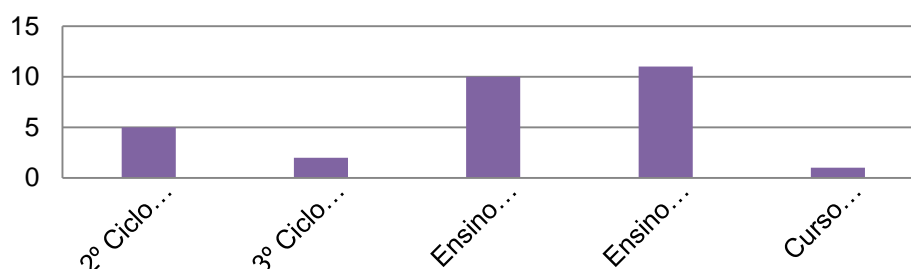
No que toca às deslocações para a escola, a maioria dos alunos demora entre 10 a 15 minutos no percurso da casa para a escola. A este facto não será alheio o local de residência dos mesmos, pois tal como é possível observar no gráfico 5, a maioria dos alunos reside nas freguesias do centro urbano.

Gráfico 5: Freguesia de residência dos alunos



Quanto às habilitações dos encarregados de educação, a maioria tem como habilitações o ensino superior, observar gráfico 6.

Gráfico 6: Habilitações dos encarregados de educação



É de referir que esta turma apresentava uma aluno de origem ucraniana, mas que não tinha qualquer tipo de problema de integração, quer ao nível social, quer ao nível académico, quer no domínio da escrita e da oralidade.

De uma maneira geral, esta turma apresentava resultados académicos razoáveis, sendo que tinha como característica uma divisão em dois grupos: um grupo reduzido de alunos com bastante espírito de iniciativa e autonomia na realização das tarefas em sala de aula, e um outro grupo mais alargado que apresentava algumas dificuldades ao nível da autonomia. Por vezes, era necessário fazer um acompanhamento permanente dos alunos com maiores dificuldades de autonomia e concentração, para que estes não acabassem por prejudicar o rendimento dos restantes. Era frequente que no grupo dos alunos com menor iniciativa as

tarefas tivessem de ser explicados de forma individual e procurando sempre motivá-los.

#### 2.4.2. Implementação, instrumentos e metodologia de análise

O projeto de intervenção em Geografia foi aplicado numa aula de 45 minutos, onde, em primeiro lugar, ou no primeiro momento, se encetou um diálogo com os alunos por forma a recolher algumas das suas ideias prévias relativamente à agricultura biológica. Esta aula tinha como questões orientadoras: O que entendes por agricultura biológica? Como surge a necessidade da agricultura biológica? Quais as diferenças da agricultura biológica para as outras práticas agrícolas? Por que tem vindo a ganhar cada vez mais espaço? Quais os ganhos ambientais da agricultura biológica?

A recolha de ideias prévias foi sendo orientada para procurar que os alunos respondessem às questões orientadoras descritas anteriormente.

No segundo momento da aula foi visualizada uma *reportagem* sobre a agricultura biológica que fazia parte do programa “*Biosfera*” transmitido pela RTP2. O programa Biosfera é um programa semanal que aborda as questões relacionadas com o ambiente. Este programa é produzido pela empresa “Farol de Ideias”, com a coordenação editorial de Dr. Arminda Sousa Deusdado<sup>3</sup>. Esta empresa foi fundada em 2000 pela própria coordenadora e por outro jornalista ligado à área ambiental. A ideia da sua criação surgiu precisamente pelo facto de ambos os jornalistas serem ligados ao ambiente, e de, depois de terem analisado a grelha de programação dos canais portugueses, sentiram que, à data, existia uma lacuna ao nível de programas que abordassem as questões ambientais. O programa, tal como a própria autora confessou, “surgiu da necessidade de falar ambiente aos portugueses”, de abordar as problemáticas atuais e explicá-las. Apesar de este ter sido o primeiro programa criado pela empresa, atualmente não é o único produzido pela mesma, pois são também autores de mais dois programas com lugar na grelha de programação da RTP, sendo eles o Radar de Negócios e a Liga dos Últimos. É ainda de referir que o programa Biosfera recebeu dois prémios - em 2007 recebeu o “Prémio Quercus” e em 2010 foi também distinguido com o “Prémio Nacional de Ambiente”.

É de referir que o programa foi editado por mim por forma a ficar com 18 minutos de duração para assim haver uma melhor distribuição do tempo da aula. No final da reportagem foi pedido aos alunos que realizassem uma ficha de trabalho (**FTG**) composta por cinco perguntas.

---

<sup>3</sup> A informação sobre esta reportagem foi-me fornecida pela autora Dr.ª Arminda Sousa Deusdado



A 1ª pergunta *“Diz o que entendes por agricultura biológica”* tinha por objetivo que os alunos conseguissem descrever a agricultura biológica de uma forma global e resumida, para de certa forma poder aferir aquilo que os alunos tinham evoluído ao nível do conhecimento com a visualização da reportagem.

A 2ª e 3ª perguntas *“Quais as vantagens da agricultura biológica em relação à agricultura moderna?”* e *“Indica duas vantagens e duas desvantagens da agricultura biológica”* tinham por objetivo que os alunos conseguissem traçar um paralelismo da agricultura biológica em relação à agricultura moderna e que, de forma concisa, conseguissem entender quais as diferenças, vantagens ou desvantagens de uma e de outra prática agrícola.

As perguntas nº 4 e nº 5 pediam: *“Depois daquilo que viste, quando fores com alguém às compras vais aconselhar produtos biológicos? Justifica a tua resposta”* e *“Achas que o futuro da agricultura, em Portugal, passa pela aposta na biológica? Porquê?”* Estas duas perguntas tinham o objetivo de aferir a importância que os alunos davam à agricultura biológica, e se na sua opinião este tipo de agricultura merecia um lugar de destaque no nosso país e porquê. Esperava-se também conhecer a opinião dos alunos sobre os produtos biológicos.

No terceiro momento da aula houve ainda tempo para um diálogo com os alunos para se abordarem possíveis questões ou dúvidas que pudessem existir acerca do tema e também para promover um breve diálogo horizontal e vertical.

É importante referir que ao longo da planificação da minha aula, procurei seguir os princípios construtivistas, de modo a estimular a participação de todos os alunos, sobretudo no primeiro e terceiro momento, para assim se sentirem motivados a construir o seu próprio conhecimento.

## Capítulo III - Análise dos dados

### Introdução

Tal como já havia referido, esta proposta de intervenção pedagógica tem como propósito procurar compreender *a importância do documentário na História e da reportagem na Geografia*, numa abordagem de aula-oficina, na perspetiva construtivista, no caso, em turmas de 9.º ano. A pergunta que foi formulada é a seguinte:

*Que tipo de aprendizagens o documentário e a reportagem televisiva promovem?*

As aulas implementadas, aula oficina, foram descritas no ponto 4 do capítulo anterior. Procurou-se com as tarefas de análise de documentários e reportagens televisivas, cativar e mostrar um outro lado na aprendizagem das temáticas destas disciplinas. Segundo Branco (2002: 34),

*“O cinema, como recurso de ensino, oferece ao professor e aos alunos imensas possibilidades na apresentação e na visualização mais rápida e acessível de assuntos específicos (...), portanto o aproveitamento deste tipo de materiais didáticos, oferece novas possibilidades na aprendizagem de conteúdos, e como sabemos, nestas idades tudo o que é novo e tudo o que está ligado aos meios audiovisuais, acaba por prender a atenção dos alunos, mais fácil e rapidamente do que através dos métodos tradicionais.”*

### 3.1 Estudo 1: O documentário na aula de História

#### 3.1.1 Análise às ideias prévias dos alunos

A recolha de ideias prévias foi feita de forma oral, sendo que as respostas dadas pelos alunos foram escritas no quadro. Eis as respostas dadas às perguntas.

- **P1:** *“Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua duração ao longo de vários anos?”* A esta pergunta os alunos (N=25) responderam, na sua

maioria, que o principal motivo que levou ao início da guerra foi o desrespeito pelos principais tratados, principalmente o de Versalhes, com a invasão aos países vizinhos. Relativamente às razões que levaram à manutenção do conflito, a maioria dos alunos, apontou o racismo, lembrando sempre os episódios de perseguição aos judeus por parte dos alemães.

- **P2:** *“Quais os principais locais no globo onde se desenrolou a guerra?”* Com bastante facilidade, todos os alunos apontaram o continente Europeu como o principal ponto no globo onde se deram estes conflitos. A segunda localização mais abordada pelos alunos foi a do continente asiático, embora não se tenham lembrado dos conflitos nas ilhas do pacífico, onde os japoneses travaram uma batalha ilha a ilha com os aliados. Relativamente ao continente Africano, apenas um aluno o apontou como sendo palco de conflitos, tendo vários colegas duvidado da sua resposta. De uma forma geral, a maioria dos alunos apontou apenas o continente Europeu como tendo sido o único em que se deram os principais conflitos da segunda grande guerra.

- **P3:** *“Por que é que o desembarque na Normandia foi tão importante?”* Todos os alunos disseram que este desembarque foi muito importante, mas, nunca conseguiram justificar de forma coerente a razão para essa afirmação. Quatro alunos indicaram que, como os principais adversários europeus tinham sido conquistados, aquela localização era a única disponível. Seis alunos indicaram ainda que a proximidade com a Inglaterra era muito importante, mas não conseguiram justificar o porquê dessa importância. Esta foi uma das perguntas em que se ouviram os argumentos mais variados entre os alunos que responderam, mas poucos foram os que apresentaram argumentos suficientemente válidos.

- **P4:** *“De que forma o desfecho da Guerra contribuiu para a ascensão dos E.U.A ou para a bipolarização do mundo?”* A esta última pergunta poucos responderam, sendo que dois alunos responderam sobretudo que o facto de E.U.A não terem sido um palco de guerras foi importante. Relativamente à U.R.S.S e à forma como esta potência saiu da guerra, os alunos tiveram muita dificuldade em falar acerca dessa tema, preferindo sempre falar dos Estados Unidos. Mas mesmo quando falavam dos norte-americanos, a justificação para o facto de estes terem tido uma ascensão assinalável era sempre a mesma: - Apontavam os Americanos como

os vencedores da guerra e pouco mais acrescentavam a não ser o facto de não terem tido conflitos armados no seu território.

### 3.1.2. Análise da ficha de trabalho de História (FTH)

Esta ficha de trabalho era composta por seis perguntas de resposta livre. A sua realização foi feita no final da visualização do documentário intitulado “Apocalipse – Da segunda guerra mundial”. A análise dos dados obtidos teve por base o método indutivo, que apresenta claras vantagens, pois podemos partir de cada uma das respostas dos alunos e obter uma conclusão generalizada. A categorização escolhida para estudar as respostas dos alunos teve por base as propostas de Lee (1996) e Barca e Gago (2000), desta forma é possível estabelecer um determinado número de perfis, que indicarão o grau de validade de cada uma das respostas.

Após análise às respostas que os alunos deram, houve necessidade de criar quatro perfis conceptuais. Estes perfis variam entre o Adequado, que será o mais completo e o não respondeu.

Quadro 1: Perfis conceptuais - História

Perfil	Exemplos
<b>1 – Respostas Adequada</b> – Aqui enquadram-se as respostas em que os alunos compreendem e respondem àquilo que lhes é pedido, conseguindo estruturar a resposta mediante os objetivos da pergunta. Estas perguntas encontram-se devidamente fundamentadas e os alunos demonstram saber articular corretamente os factos históricos sendo por isso consideradas adequadas.	Exemplo 1: (P:1) “Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua duração ao longo de vários anos?” “O que deu início à guerra foi a vontade da Alemanha em alargar o seu território invadindo outros países. O que ajudou à manutenção da guerra foi o ódio que se instalou entre os vários povos que acabaram por entrar na guerra” Exemplo 2: (P:3) “Porque é que o desembarque na Normandia foi tão importante?” “O desembarque na Normandia foi importante porque permitiu criar uma entrada para os aliados poderem desembarcar as tropas na Europa. Assim foi mais rápido libertar a França e a Bélgica que eram importantes para ajudar a derrotar os alemães”
<b>2 - Resposta Aproximada</b> – Este perfil abarca as respostas minimamente fundamentadas em que os alunos demonstram alguma capacidade interpretativa ou explicativa perante os factos abordados. Apesar disto, são respostas que se encontram, ainda, de alguma forma incompletas.	Exemplo 1: (P:3) “Porque é que o desembarque na Normandia foi tão importante?” “Porque assim se criou uma importante entrada para materiais e homens, necessários aos aliados” Exemplo 2 (P:1) “Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua duração ao longo de vários anos?” “O que contribuiu para o início e manutenção da guerra foram o racismo e expansionismo alemão”
<b>3 – Respostas de Compreensão Global</b> – Integram-se as respostas que identificam ou incluem alguns elementos que foram transmitidos ao longo da aula, mas sem grande capacidade interpretativa ou explicações fundamentadas. Revelando apenas noções generalizadas.	Exemplo 1: P:3 “Porque é que o desembarque na Normandia foi tão importante?” “Porque assim se deu início à derrota alemã” Exemplo 2: (P:1) “Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua manutenção ao longo de vários anos?” “O que contribuiu para o início e manutenção da guerra foi o ódio e o racismo entre os povos”
<b>4 – Não respondeu</b> - Neste perfil enquadram-se as respostas cientificamente inválidas, em que os alunos não demonstram qualquer compreensão sobre os objetivos da pergunta, ou simplesmente não responderam.	Exemplo 1- (P:3) “Porque é que o desembarque na Normandia foi tão importante?” “Porque foi uma missão muito difícil.”

A análise das repostas dadas à P1 *“Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua duração ao longo de vários anos?”* permitiu a construção da seguinte tabela:

**Tabela 1**  
Ficha de trabalho 1/P1 (N-25)

Perfil	f
1 – Resposta adequada	15
2 - Resposta aproximada	4
3 – Resposta de Compreensão Global	3
4 - Não respondeu	3

Como podemos observar no quadro acima, a maioria dos alunos deu uma resposta adequada àquilo que a pergunta pedia, portanto, respostas dentro do perfil 1. De uma maneira geral, os alunos conseguiram desenvolver as suas respostas de forma estruturada e sustentada em factos concretos: *“O que deu início à guerra foi a vontade da Alemanha em alargar o seu território, invadindo outros países. O que ajudou à manutenção da guerra foi o ódio que se instalou entre os vários povos que acabaram por entrar na guerra”*

A generalidade dos alunos não revelou grandes dificuldades nesta pergunta. Apenas três alunos deram uma resposta enquadrada no perfil três, sendo que demonstraram ter alguma perceção acerca do assunto, mas com ideias pouco consistentes ou frases muito vagas, das quais deixo o seguinte exemplo: *“O que ajudou ao início e manutenção da guerra foi o ódio que se instalou entre os povos”*. É ainda de registar que apenas três alunos não responderam à questão.

A análise das respostas à P2 *“Quais os principais locais no globo onde se desenrolou a Guerra? Assinala-os no mapa”* permitiu a construção da tabela 2.

**Tabela 2**  
Ficha de trabalho 1/P 2 (N-25)

Respostas	f
1 – Europa	25
2 – Ásia	15
3 – Norte de África e Médio Oriente	20
4 – Oceânia	9

O objetivo desta pergunta era que os alunos, depois de ver o documentário, deixassem de ter uma visão dos principais conflitos da guerra de uma forma totalmente centralizada no continente europeu. É possível observar na tabela que a totalidade dos alunos assinalou o

continente europeu como um dos principais palcos da segunda grande guerra, mas a quase totalidade dos alunos assinalou também o Norte de África e o Médio Oriente como outro dos palcos de conflitos da guerra. Não deixa de ser assinalável que metade de turma tenha assinalado o continente asiático e 9 alunos tenham assinalado a Oceânia. Este facto atesta que o documentário acabou por elucidar de forma clara este aspeto.

Relativamente à **P3** - *“Por que é que o desembarque na Normandia foi tão importante?”* e após análise das perguntas dos alunos, foi possível obter os dados presentes na tabela seguinte.

**Tabela 3**  
Ficha de trabalho 1/P 3 (N-25)

Perfil	f
1 – Resposta adequada	17
2 - Resposta aproximada	4
3 – Resposta de Compreensão Global	3
4 - Não respondeu	1

Tal como é possível apurar observando o quadro, a maioria dos alunos conseguiu dar uma resposta dentro do perfil 1, das quais citarei dois exemplos:

*“O desembarque na Normandia foi importante porque permitiu criar uma entrada para os aliados poderem desembarcar as tropas na Europa. Assim foi mais rápido libertar a França e a Bélgica, que eram importantes para ajudar a derrotar os alemães”*

*“O desembarque da Normandia foi importante porque permitiu criar uma entrada na Europa, que ajudou a encurralar os Alemães, pois os Russos também se encontravam a avançar pela parte da Rússia”*

Gostaria de ressaltar que apenas três alunos deram uma resposta de perfil 3, das quais dou o seguinte exemplo: *“Porque deu início à derrota alemã”*. Apenas um aluno não respondeu à questão colocada. Os dados recolhidos demonstram que o documentário acabou por ser bastante elucidativo e promoveu um avanço em relação às ideias prévias recolhidas oralmente com os alunos.

A análise das respostas dadas à **P4**: *“Que razões levaram os Estados Unidos da América a utilizarem a bomba atómica, em Hiroxima e Nagasáqui?”* permitiu chegar à tabela 4.

**Tabela 4**  
Ficha de trabalho 1/P4 (N-25)

Perfil	f
1 – Resposta adequada	17
2 - Resposta aproximada	2
3 – Resposta de Compreensão Global	3
4 - Não respondeu	3

Na tabela podemos ver que a maioria dos alunos conseguiu responder de forma completa e estruturada à pergunta, enquadrando-se por isso 17 alunos no perfil número um. Quanto às repostas que se enquadram nesse mesmo perfil, eis o seguinte exemplo: *“Os americanos estimaram que um possível desembarque no Japão lhes causaria muitas baixas e uma grande despesa. Esta foi a maneira mais rápida de os derrotar, evitando perder vidas”*. O ter recorrido a esta resposta deve-se ao facto de as restantes se enquadrarem neste perfil, acabando por ir de encontro os factos abordados na resposta que serviu de exemplo. É de assinalar que apenas 3 alunos não responderam, e outros 3 deram uma resposta de perfil número 3, demonstrando apenas uma compreensão generalista, e não conseguindo estruturar a resposta: *“Foi a resposta dos E.U.A ao ataque a Pearl Harbor”*.

A **P4.1** era uma pergunta de opinião pessoal sobre a utilização da bomba atômica por parte dos E.U.A. – *“Qual a tua posição sobre este assunto?”*

Devido ao facto de esta pergunta ser acima de tudo de opinião, as respostas dos alunos serão analisadas de uma forma interpretativa, facto que deu origem à criação de uma tabela com respostas tipo, em vez de perfis, visto não se enquadrar esse tipo de análise nesta questão.

**Tabela 5**  
Ficha de trabalho 1/P4.1. (N-25)

Resposta tipo	f
<u>“Não concordo</u> porque as consequências foram negativas para a população durante vários anos com os efeitos da radiação”.	4
<u>“Não concordo</u> porque matou pessoas inocentes”.	8
<u>“Não concordo</u> porque penso que os países poderiam ter tentado chegar a um acordo”.	2
<u>“Não concordo</u> porque nada justifica a morte de milhares de pessoas”	1
<u>“Concordo</u> porque foi um mal para evitar outro mal maior, que era a perda de milhares de soldados americanos num possível desembarque no Japão”.	7
Não respondeu	3

As respostas analisadas revelam que os alunos conseguiram reter alguns conceitos chave que passaram no documentário. O facto de existir um número considerável de alunos que decide concordar com o uso da bomba atómica, como forma de evitar a perda de mais vidas humanas, sobretudo americanas, é um exemplo de que os alunos retiveram alguns conceitos chave que foram narrados, pois esta frase é proferida dentro destes termos pelo narrador.

Por outro lado, há um grande número de alunos que não concorda com o uso da bomba atómica, devido às pessoas que morreram. Este facto também se pode dever às imagens de destruição e morte que o documentário passa de Hiroxima e Nagasáqui, após o rebentamento da bomba nuclear. Isto pode também ter influenciado as respostas dos alunos, pois as imagens demonstravam uma quantidade de cadáveres carbonizados espalhados pelas ruas destas cidades japonesas.

Após uma análise das respostas dadas pelos alunos à **P5** *“Após a segunda guerra mundial, que função foi atribuída à recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU)?”*, elaborou-se a seguinte tabela:

**Tabela 6**  
Ficha de trabalho 1/P5. (N-25)

Perfil	f
1 – Resposta adequada	7
2 - Resposta aproximada	8
3 – Resposta de Compreensão Global	0
4 - Não respondeu	10

Ao olharmos para a tabela 6, reconhece-se que esta foi a pergunta na qual os alunos encontraram maiores dificuldades para dar uma resposta adequada. Tal facto é comprovado pela frequência mais baixa até agora de respostas do tipo 1, sendo que a frequência mais alta é mesmo de respostas do tipo 2. Nas respostas do tipo 1 tivemos apenas 7 alunos, das quais posso deixar o seguinte exemplo:

*“A ONU surgiu para substituir a sociedade das nações em 1945 e tinha como funções: manter a paz no mundo; defender o direito à autodeterminação de todos os povos; promover a cooperação internacional na resolução dos problemas económicos, sociais e culturais e apelar à defesa dos direitos humanos”.*



A maioria dos alunos deu uma resposta do tipo 2 entre as quais destaco a seguinte:  
*“Foi para manter a paz no mundo, promover a igualdade entre todos e acabar com o racismo”.*

A dificuldade que os alunos sentiram nesta resposta está patente no número de alunos que não respondeu à questão (10). Esta dificuldade talvez esteja ligada ao facto de o documentário dedicar ao papel da ONU apenas uns breves minutos e no final deste, podendo indicar que os alunos já se encontrariam pouco concentrados.

Da P6 *“De que forma o desfecho da II Guerra Mundial contribuiu para a bipolarização do mundo, ou pelo menos para a ascensão dos E.U.A.?”* foram analisadas as respostas e construída a tabela 7.

**Tabela 7**

Ficha de trabalho 1/P6. (N-25)

Perfil	f
1 – Resposta adequada	17
2 - Resposta aproximada	3
3 – Resposta de Compreensão Global	0
4 - Não respondeu	5

Esta última pergunta revelou-se fácil para os alunos, pois a maioria respondeu à pergunta dentro do perfil 1. Relativamente às respostas dentro desse mesmo perfil, gostaria de deixar dois exemplos:

*“O facto de as potências europeias estarem destruídas, fez com que os Estados Unidos e a Rússia conseguissem ser os únicos países com as indústrias a funcionarem normalmente e assim eram os principais fornecedores de materiais aos outros países que estavam em Guerra”*

*“Os EUA e a Rússia foram dos poucos países que conseguiram manter as suas indústrias, isso fez com que conseguissem vender os seus materiais aos outros países. Para além disso os Estados Unidos, com o Plano Marshall, conseguiram fazer muito dinheiro pois levavam juros pelo dinheiro que emprestavam à Europa”.*

Dentro do perfil dois, no qual se enquadraram três respostas dos alunos, gostaria de dar o seguinte exemplo que foi uma verdadeira resposta tipo dentro deste perfil:

*“Os E.U.A e a Rússia ficaram a ganhar porque foram os principais vendedores de armas para os restantes países.”*

A esta pergunta final, houve ainda 5 alunos que não responderam. Este facto estará provavelmente ligado ao tempo dado para a realização da ficha que pode não ter sido o

suficiente para alguns alunos, pois na altura em que o tempo da aula estava para terminar, alguns ainda se encontravam a responder à ficha.

Fazendo uma apreciação global às respostas dos alunos, pode considerar-se que estas foram de uma maneira geral muito boas, pois a grande maioria das respostas enquadra-se no perfil número 1. A ajudar a esta facilidade com que os alunos redigiram as suas respostas, estará o facto de o documentário abordar com frequência os E.U.A como o país que se torna decisivo no desfecho da guerra e abordar ainda o Plano Marshall que serviu para deixar a noção de ajuda dos Estados Unidos à Europa.

### 3.2. Estudo 2: A reportagem televisiva na aula de Geografia

#### 3.2.1. Análise às ideias prévias dos alunos

A recolha de ideias prévias, à imagem daquilo que sucedeu na aula de História, foi feita de forma oral e à medida que os alunos iam respondendo, as respostas eram escritas no quadro.

- **P1:** *“O que entendes por agricultura biológica?”* A esta pergunta quase todos os alunos tentaram responder, mas apesar de terem sido vários os argumentos usados por estes, poucos foram aqueles que tiveram respostas válidas. Oito alunos disseram que a agricultura biológica era aquela que *“se podia ter no jardim da casa”*, outros indicaram que era uma agricultura biológica aquela que apenas os mais idosos continuavam a fazer atualmente. É de referir que seis alunos disseram que a agricultura biológica era uma agricultura em que não se podia utilizar qualquer tipo de máquina. Foram vários os argumentos utilizados pelos alunos, mas estes foram os exemplos que mais se aproximaram do pretendido.

- **P2:** *“Como surge a necessidade da agricultura biológica?”* Relativamente a esta pergunta deram-se algumas respostas curiosas, sendo que algumas delas vinham na linha do que foi dito anteriormente. Não deixa de ser curioso que 10 alunos responderam que a agricultura biológica surge devido ao elevado desemprego que há em Portugal e assim *“era uma forma de terem trabalho”*. Quatro alunos responderam que a agricultura biológica surge devido à crise. Dentro das respostas que mais se aproximavam daquilo que era pretendido, há a assinalar as respostas de três alunos que disseram que a agricultura biológica surge porque

*“as pessoas atualmente procuraram produtos mais naturais e saudáveis”*. De uma forma geral, os alunos revelaram algumas dificuldades em abordar a agricultura biológica e as suas características de uma maneira geral.

- **P3:** *“Será que a agricultura biológica é amiga do ambiente?”* Foi precisamente nesta pergunta que os alunos revelaram maior facilidade em responder e onde houve maior concordância entre estes. Quase todos os alunos disseram que a agricultura biológica era amiga do ambiente porque *“não se utilizam máquinas”* e *“como era uma agricultura feita por agricultores mais pobres não podia comprar químicos para utilizarem nas suas culturas”*. Nas respostas a esta pergunta ficou patente que os alunos, pelo menos na sua maioria, têm tendência a confundir a agricultura de subsistência com a agricultura biológica. Foi frequente, ao longo de todas as perguntas que coloquei para a recolha de ideias prévias, ter respostas dos alunos que falavam acerca das pessoas que trabalham na agricultura biológica como pessoas *“pobres”* e que *“nunca se usavam máquinas”*.

Não posso deixar de indicar, a título de curiosidade, que alguns alunos, conversando entre si, a propósito do tema, diziam que os avós trabalhavam na agricultura biológica, mas à medida que descreviam essa mesma atividade ela aproximava-se das características da agricultura de subsistência.

### 3.2.2. Análise da ficha de trabalho em Geografia

As respostas dadas à **P1** *“Diz o que entendes por agricultura biológica”* levaram à elaboração da seguinte tabela:

**Tabela 8**  
Ficha de trabalho 1/P1. (N-17)

Perfil	f
1 – Resposta adequada	15
2 - Resposta aproximada	2
3 – Resposta de Compreensão Global	0
4 - Não respondeu	0

As respostas revelaram que os alunos conseguiram compreender a informação que a reportagem veiculou. Tal facto é possível observar através do número de respostas que se enquadram no perfil número 1. Eis um exemplo daquela que foi a mais estruturada e melhor escrita.

*“A agricultura biológica não usa fertilizantes ou outros produtos químicos que melhoram o sabor do alimento. Os produtos biológicos são mais saudáveis, seguros e saborosos. Os animais são alimentados com produtos naturais e são criados de forma natural, sem serem usados produtos químicos. Esta é uma agricultura mais amiga do ambiente.”*

Ao longo da leitura de todas as respostas, tive a oportunidade de ver que os alunos não revelaram qualquer dificuldade em escrever sobre a agricultura biológica.

Da análise à **P2** *“Quais são as principais vantagens da agricultura biológica em relação à agricultura moderna?”* foi possível obter o seguinte resultado presente na tabela 9.

**Tabela 9**  
Ficha de trabalho 1/P2. (N-17)

Perfil	F
1 – Resposta adequada	7
2 - Resposta aproximada	7
3 – Resposta de Compreensão Global	0
4 - Não respondeu	3

Reconhece-se que nesta pergunta já houve uma maior dificuldade por parte dos alunos. Foram vários os que deram ideias corretas, mas não souberam completar a pergunta de forma estruturada. Sete alunos conseguiram responder à pergunta dentro do perfil número 1, das quais gostaria de destacar a seguinte:

*“As principais vantagens da agricultura biológica são ser mais segura, mais saudável e ter um melhor sabor enquanto que na agricultura moderna usam químicos e fertilizantes em grandes quantidades para poderem produzir uma maior quantidade de produtos”.*

É de referir que dos três alunos que se enquadraram no perfil número 4, destes gostaria de destacar a seguinte resposta:

*“Os produtos da agricultura biológica têm muito mais qualidade porque existem muito mais regras para se poder dizer que um produto é mesmo biológico, enquanto os produtos das outras agriculturas não têm tantas regras.”*

Por fim, um aluno chegou efetivamente a responder, mas não abordou nenhum dos aspetos pedidos, daí se ter enquadrado no perfil número 4.

A P3 *“Indica duas vantagens e duas desvantagens da agricultura biológica”* foi aquela em que os alunos não sentiram qualquer tipo de dificuldade em enumerar os exemplos pedidos. A análise das respostas dos alunos permitiu construir a tabela 10.

**Tabela 10**  
Ficha de trabalho 1/P3. (N-17)

Perfil	F
1 – Resposta adequada	17
2 - Resposta aproximada	0
3 – Resposta de Compreensão Global	0
4 - Não respondeu	0

Todos os alunos conseguiram enumerar as duas vantagens e as duas desvantagens da agricultura biológica. A maioria dos alunos, nas vantagens, apontou o facto de os produtos da agricultura biológica serem mais saudáveis e ser uma agricultura mais *“amiga do ambiente”* devido ao facto de não serem usados químicos como na agricultura moderna. Quanto aos aspetos negativos, todos os alunos apontaram o facto de ser uma produção mais cara do que a agricultura moderna e apontaram ainda o menor tempo de conservação dos produtos como uma das desvantagens.

Após a análise à P4 *“Depois daquilo que viste, quando fores com alguém às compras vais aconselhar produtos biológicos?”* foi possível construir a tabela 11 com as respostas-tipo dos alunos.

**Tabela 11**  
Ficha de trabalho 1/P4. (N-17)

Resposta tipo	f
Sim, vou aconselhar produtos biológicos porque são produtos com maior qualidade e mais saudáveis.	8
Sim, vou aconselhar, mesmo sendo mais caros e	2

sendo mais difíceis de encontrar, pois fazem melhor à saúde.	
Sim, porque é melhor gastar mais dinheiro na alimentação do que depois em medicação.	1
Talvez não, porque apesar de terem mais qualidade, serem mais saborosos e serem melhores para a nossa saúde, são mais caros e com a crise que vivemos as pessoas procuram os produtos mais baratos.	1
Sim, porque são produtos que fazem melhor à nossa saúde e ajudam a desenvolver este setor da agricultura que pode ser muito importante para a economia portuguesa.	2
Sim, porque a qualidade e segurança que oferecem é muito maior do que os restantes produtos.	3

Analisando o quadro, é possível ver que os alunos compreenderam a maior parte da mensagem que se pretendia transmitir relativamente às vantagens da agricultura biológica. A maioria dos alunos respondeu afirmativamente quando questionados acerca da possibilidade de comprarem produtos biológicos, as razões para essa escolha prenderam-se quase sempre com a maior qualidade dos produtos e com o facto de não receberem tanta quantidade de produtos químicos, ao longo de todo o seu processo produtivo. Houve ainda um aluno que referiu o facto de preferir gastar mais dinheiro em produtos de origem biológica porque, segundo este, *“mais tarde poderia evitar alguns problemas de saúde”*. O facto de a totalidade dos alunos ter compreendido que os produtos biológicos têm processos de produção diferentes dos da agricultura moderna e que lhes oferecem maior qualidade e segurança alimentar, é prova de que a parte mais importante da mensagem passou para todos os alunos. Gostava também de destacar a resposta de um aluno, que apesar de concordar com o facto de se chamar a atenção para os produtos biológicos, referiu também que *“estes eram, por norma, mais caros do que os restantes produtos”*, e que na atual conjuntura, este poderia ser um fator decisivo na escolha por outros produtos.

Relativamente à P6 *“Achas que o futuro da agricultura, em Portugal, passa pela aposta na biológica? Porquê?”*, e após uma análise, foi possível elaborar a seguinte tabela com as respostas tipo.

**Tabela 12**  
Ficha de trabalho 1/P5. (N-17)

Resposta tipo	f
Acho que sim, porque como os agricultores portugueses não têm muito dinheiro, não podem gastar muito dinheiro em grandes máquinas, como a agricultura biológica não precisa de grandes máquinas, é uma boa aposta.	1
Acho que sim, porque Portugal como é um país pequeno, não pode produzir tanto como outros países e assim, em vez de vender produtos em grande quantidade, vende menos, mas com muita qualidade.	2
Acho que sim, porque há muita procura por estes produtos, e como ainda não há oferta suficiente, pode ser uma boa maneira de Portugal criar mais empregos.	2
Acho que sim, porque é uma agricultura mais amiga do ambiente e assim Portugal pode ficar conhecido por ter produtos com mais qualidade do que outros países.	2
Acho que sim, porque é uma agricultura muito mais saudável e isso acaba por ser bom para a saúde da população portuguesa. Para além disso, podem-se criar muitos postos de trabalho, pois é uma agricultura que vai crescer muito no futuro.	2
Não, infelizmente passa pela agricultura moderna porque para além de ser mais barata, a agricultura biológica não consegue produzir tão facilmente e rapidamente como a moderna e como o mundo está em crise, o preço dos alimentos é muito importante.	1
Sim, porque como o nosso país está a atravessar uma crise, a agricultura biológica, como não usa tantas máquinas, precisa de mais mão-de-obra e assim cria mais empregos. Para além disto, era uma boa maneira de serem aproveitados alguns campos que estão abandonados.	2
Sim, porque cada vez mais as pessoas se preocupam com aquilo que comem e isso faz com que exista muita procura pelos produtos biológicos.	5

Olhando para o quadro que foi possível construir com base nas respostas dos alunos, é fácil de constatar que esta foi a pergunta em que os alunos foram mais homogéneos nas suas respostas, embora divergissem na sua justificação. É importante referir que esta era a última pergunta da ficha de trabalho, o que provavelmente terá sido uma condicionante nas respostas que os alunos deram, pois era uma aula de apenas 45 minutos. Apesar disso, os alunos demonstraram ter ficado com uma boa perceção daquilo que é a realidade da agricultura biológica em Portugal, bem como o potencial que esta representa para o nosso país.

Não deixa de ser curioso que apenas um aluno tenha dito que o futuro da agricultura portuguesa não passará pela aposta na biológica. Mas, mesmo assim, o aluno que referiu esse facto justificou a sua opção usando argumentos que demonstravam um conhecimento abrangente da temática. O aluno abordou o facto de *“a agricultura moderna conseguir, normalmente, preços mais baixos e uma produção mais rápida em relação à biológica”*. Este facto demonstra que o aluno teve uma opinião divergente dos restantes colegas, mas conseguiu justificá-la de uma forma globalmente correta, recorrendo a informação que recolheu da reportagem.

A facilidade com que os alunos escreveram as suas repostas de forma estruturada,

revela que estes conseguiram reunir uma quantidade de informação considerável, que lhes permitiu estruturar as suas respostas de uma forma correta, usando sempre argumentos válidos que foram encontrar na reportagem exibida.



## Conclusão

Ter a possibilidade de realizar um Projeto de Intervenção Pedagógica que envolvesse os meios audiovisuais foi algo que sempre almejei. O facto de desde cedo ter começado a aprender a gostar de documentários, filmes e reportagens, de fazer destes uma forma de aprendizagem, tornou a realização deste projeto num concretizar de um objetivo viável e familiar. Assim, com este projeto, procurei averiguar o tipo de aprendizagens que estes recursos, como o documentário e a reportagem televisivas, podem promover em benefício das aprendizagens dos alunos.

A evolução tecnológica fez com que os audiovisuais se misturassem cada vez mais com o nosso dia-a-dia, quebrando distâncias, conseguindo trazer para o nosso lar lugares de difícil acesso. A evolução dos próprios instrumentos passou a permitir a captação de imagens em locais onde há vários anos atrás seria impensável. A evolução dos *Media*, a rapidez e a forma como chegam a cada vez mais pessoas no mundo tornou-os num meio de difusão do conhecimento. A televisão e os novos dispositivos tecnológicos tornaram a imagem cada vez mais presente no nosso quotidiano. Este facto é ainda relevante nos jovens de hoje que já cresceram rodeados deste tipo de objetos.

A utilização dos audiovisuais na escola é um tema que já é abordado há alguns anos. Abrantes (1992) falava acerca do papel da escola como meio privilegiado onde este tipo de ferramentas pedagógicas podia ser utilizado de forma significativa. Elas podem ter as mais diversas valências, sejam como fontes de informação, sejam como fazendo parte de uma nova abordagem a determinada temática, adotando o papel de fonte de (in)formação em paralelo ao discurso do professor e dos manuais escolares.

Com este projeto procurei responder principalmente à pergunta:

*Que tipo de aprendizagens o documentário e a reportagem televisiva promovem?*

Depois de realizada a aula de implementação de projeto em ambas as disciplinas, posso dizer que os resultados acabaram por superar as minhas expectativas, talvez também por ter tido algum receio acerca da reação dos alunos, ou mesmo da eficácia destes artefactos.

*Na aula de História*, depois de ter reproduzido uma parte do documentário 'Apocalipse - Da *Segunda Guerra Mundial*', e olhando para a evolução dos alunos e mesmo para a sua reação e postura constatei a sua fácil adesão aos meios audiovisuais e tenho de referir que esta foi muito positiva. Foi-o na medida em que se notou a evolução dos alunos tanto no conhecimento científico que adquiriram, como na forma atenta e curiosa com que viram um documentário com cerca de quarenta minutos. Não deixa de ser interessante que em algumas questões, como a que coloquei relativamente à localização dos principais conflitos, tenha registado uma evolução tão grande quando comparado com as ideias prévias dos alunos.

Na aula de *Geografia*, onde foi abordado o tema da *Agricultura Biológica*, a reação e postura dos alunos foi também muito boa. A evolução registada nas respostas em relação às ideias prévias dos alunos foi assinalável, podendo até afirmar que houve, de certa forma, uma rutura com saberes pré-concebidos.

Em ambas as disciplinas, foi possível dedicar um espaço ao diálogo com os alunos, permitindo a apresentação e a discussão dos conhecimentos adstritos aos temas específicos, cruzando com a leitura e interpretação feita aquando a visualização da reportagem e do documentário.

Quando procuro fazer um balanço acerca de todo o meu desempenho como estagiário, bem como do resultado de ambas as aulas de aplicação do projeto, tenho de dizer que fico satisfeito. Essa satisfação acontece quando olho para o tipo de intervenções pedagógicas que tive e consigo ver que aquilo que idealizava para as minhas intervenções pedagógicas acabou por surtir efeito.

A resposta à pergunta feita inicialmente, se estes artefactos, a reportagem e o documentário, seriam válidos na construção do conhecimento científico, acaba por estar também registada no tipo de aulas que procurei implementar regularmente, com boa aceitação por parte dos alunos e, também, na constatação da consolidação desses conhecimentos. Ao longo das aulas que tive a oportunidade de lecionar, procurei sempre conciliar o uso da reportagem e do documentário com outros materiais didáticos. Se é verdade que o valor do material didático não está em si mesmo, mas na utilização que dele se faz, não deixa de ser verdade também que com a evolução que as nossas escolas registaram recentemente ao nível das instalações, existe um potencial que pode e deve ser mais aproveitado e explorado.

Os recursos de natureza mediática, como os que foram utilizados, acabam por dar resposta à promoção de outras competências nos alunos: o tratamento da informação feito de

uma forma autónoma e crítica e o seu questionamento face aos contributos dos conhecimentos científicos e as explicações do professor. Apesar de nas aulas de implementação do projeto terem estado presentes a resolução de fichas de trabalho vistas como instrumentos de recolha de dados, tive sempre a preocupação de promover o diálogo, de modo a que as ‘vozes’ dos alunos não fossem silenciadas. O facto de poderem pensar por eles próprios sobre aquilo que viam, permitiu-lhes construir e desenvolver uma forma diferente de pensar – a sua.

É importante referir que apesar de ter escolhido este tema e de defender a utilização dos recursos mediáticos, considero que o mais relevante é a promoção da evolução do conhecimento do aluno, conjugando para tal todas as estratégias e recursos pedagógicos hoje à nossa disposição.

Relativamente às *limitações de estudo*, ao longo do meu estágio encontrei algumas dificuldades que tiveram de ser ultrapassadas, mas que acabam sempre por impedir a realização de uma ou outra coisa de forma ideal.

Uma das dificuldades que encontrei ao longo do ano de estágio prende-se com o facto de nem sempre ter sido fácil *conciliar as disciplinas na universidade com o estágio* propriamente dito. Por vezes, o tempo que tínhamos para a realização de algumas planificações não era o ideal, e por outro lado, não raras vezes, os conteúdos programáticos eram totalmente distintos, o que obrigava a um ‘virar de agulhas’ súbito de modo a corresponder a um nível científico que se esperava (e que eu queria alcançar). Este facto não impediu um maior envolvimento em outras atividades planeadas pelo Projeto da Escola.

Ao nível das aulas lecionadas, gostava também de referir alguns constrangimentos que por muito que procuremos evitá-los, acabam sempre por estar presentes. O facto de o professor estagiário *não ser o professor titular da turma*, acaba por construir, no início, nos alunos, a visão de que o professor estagiário não é um ‘professor’, todavia com o meu esforço e ajuda dos professores cooperantes, principalmente os da Universidade, essa ideia foi ultrapassada.

Apesar de todos os contratempos ou dificuldades que possam ter surgido, acabei por ficar satisfeito de uma forma global com o trabalho realizado junto dos alunos, dado que os senti crescer em termos de conhecimentos, de afetos, de interação social, dado que, por exemplo, os resultados obtidos nas fichas e noutras avaliações bem como na evolução da interação que tive com estes permitiram constatar essa situação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, J.C. (1992). Os Media e a Escola. Da Imprensa aos Audiovisuais no Ensino e na Formação. Lisboa: Texto Editora.
- AGUIAR, Luana Maria. (s.d) "O uso da Linguagem Cinematográfica como recurso didático nas aulas de Geografia e no trabalho docente para a Cidadania". LOCAL
- ALMEIDA, Manoel Faria de (1992). Cinema Documental. Porto: Ed. Afrontamento.
- BARCA, Isabel. (2004). "Aula Oficina: do Projeto à Avaliação." *In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. P. 131 – 144 Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131 – 144.
- BARCA, Isabel. (2007). A educação histórica numa sociedade aberta. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.1, p.5-9. Braga: Universidade do Minho.
- BOTHAM, C. N. (1979) Os meios audiovisuais na educação e formação de cooperadores. Lisboa: Direção-Geral da Educação Permanente
- BRANCO, Alberto Manuel Vara (2002). O contributo dos mass media no ensino da História. Uma investigação no âmbito da formação dos conceitos de nacionalismo e revolução. Lisboa: Instituto de Inovação educacional.
- CACHAPUZ, A. Praia, J. & Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- CANDEIAS, Victor (2003). Introdução ao Guião para Documentário. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- DELORS, J. (1996). Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Paris/Porto: UNESCO/ASA.
- FERREIRA, Jorge R. Costa (S/d). " A Geografia da sociedade de informação." Retirado da World Wide Web em formato PDF. Centro de Estudos de Geografia e Planeamento – Universidade Nova de Lisboa.
- FOSNOT, C. T. (2008). Construtivismo e Educação. Teoria, Perspectivas e Prática. Lisboa: Instituto Piaget.
- JULIÃO, R. P. (1999). "Geografia Informação e Sociedade." Lisboa: Geoinova – Revista do departamento de Geografia e Planeamento Regional, nº0, pp:95-108. Lisboa: ME.

- MELO, Maria do Céu (2003). *O Conhecimento Tácito Histórico dos Adolescentes*. Braga: Universidade do Minho.
- MELO, Maria do Céu (2009). *O Conhecimento (tácito) Histórico: Polifonia de alunos e professores*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- MODERNO, António (1992). *A Comunicação Audiovisual no Processo Didáctico: no Ensino, na Formação Profissional*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- PATROCÍNIO, J. T. (2004). *Tornar-se Pessoa e Cidadão Digital. Aprender a formar-se dentro e fora da escola na Sociedade Tecnológica Globalizada*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- PENAFRIA, Manuela. (1999). *O filme documentário. História, Identidade, Tecnologia*. Edições Cosmos. Lisboa.
- SILVA, Bento (1998). *Educação e Comunicação: uma análise das implicações da utilização do discurso audiovisual em contexto pedagógico*. Braga: Universidade do Minho. Centro
- VERÍSSIMO, C., Correia, C., Reis, A. C. e Barca, I. (2001). *Competências Específicas da História*. Lisboa: Ministério da Educação.

## ANEXOS

## Anexo 1 -Ficha de trabalho de Geografia

Responde, agora, às seguintes questões, tendo por base aquilo que viste no vídeo.

- 1 – Diz o que entendes por agricultura biológica.
- 2 – Quais são as principais vantagens da agricultura biológica em relação à agricultura moderna?
- 3 – Indica duas vantagens e duas desvantagens da agricultura biológica.
- 4 – Depois daquilo que viste, quando fores com alguém às compras vais aconselhar produtos biológicos? Justifica a tua resposta.
- 5 – Achas que o futuro da agricultura, em Portugal, passa pela aposta na biológica? Porquê?

## Anexo 2 -Ficha de trabalho de História

1 – Que motivações contribuíram para o início da guerra e que ajudaram à sua manutenção, durante vários anos?

2 – Quais os três principais locais no globo onde se desenrolou a Guerra? Assinala-os no mapa.



3 – Por que é que o desembarque na Normandia foi tão importante?

4 – Que razões levaram os Estados Unidos da América a utilizarem a bomba atômica, em Hiroxima e Nagasáqui?

4.1. – Qual a tua posição sobre este assunto?

5 – Após a segunda guerra mundial, que função foi atribuída à recém-criada Organização das Nações Unidas (O.N.U.)?

6 – De que forma o desfecho da II Guerra Mundial contribuiu para a bipolarização do mundo, ou pelo menos para a ascensão dos E.U.A.?